

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: **VIVÁGUA**

Autora: SILVANA DI BLÁSIO
Orientador: MILTON JOSÉ DE ALMEIDA

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por SILVANA DI BLÁSIO e
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 02/12/2003

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2003

© by Silvana Di Blásio, 2003.

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

B612v Blásio, Silvana Di.
Vivágua / Silvana Di Blásio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Milton José de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Roteiros cinematográficos. 3. Vídeos.
4. Água. I. Almeida, Milton José de. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-164-BFE

RESUMO

Criação de roteiro videográfico e vídeo-performance a partir do livro “Água Viva”, de Clarice Lispector. O roteiro situa-se no espaço cotidiano da personagem - seu ateliê de pintura - onde, em conjunto com suas memórias, cenário, luz e sonoridades objetivos concorrem para construir as percepções subjetivas da artista, inserindo-a numa realidade particular e atemporal. A vídeo-performance propõe uma visualidade às sensações da personagem em seu exercício de não pensamento, fazendo de seu corpo (seu duplo) o eco de uma movimentação interior plena de significados.

“Água Viva” revela-se ainda como um continente de metáforas relacionadas a qualquer processo criativo.

ABSTRACT

This work is a videographic screenplay and a video performance based on the book “Água Viva”, by Clarice Lispector. The scenario is the character’s painting room. In a timeless reality, the artist’s reminiscences and interior perceptions show up involved in light and sounds and impelled her body into a gesture-dancing of the memory.

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	<i>1</i>
<i>Inspirepirar</i>	<i>4</i>
<i>Vivágua I</i>	<i>11</i>
<i>Vivágua II</i>	<i>13</i>
<i>Roteiro</i>	<i>17</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>26</i>
<i>Anexos</i>	<i>27</i>

“Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. (...) Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesma. (...) É com curiosidade, algum deslumbramento e cansaço prévio que sucumbo à vida que vou experimentar por uns dias viver. (...) Entendo, entendo-a. (...) Já sei que só daí a dias conseguirei recomençar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, talvez nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações. Mas não, eu sou uma pessoa. E quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra”

Clarice Lispector¹

¹ Trechos do conto “Encarnação involuntária”, 1996, p. 167

INTRODUÇÃO

Pelo fim da poluição na minha cidade, batia tampas de panela e sonhava exportar para os Estados Unidos todo o lixo, pois certamente saberiam o que fazer com ele. No mar, casei-me com um pescador e era infeliz sem filhos, até que nos apaixonamos pelo mesmo enorme morto aparecido na praia. Aristocrata, deixei-me enganar por falso médico que prometeu curar dores imaginárias. No bairro operário, sofri com meu filho traidor do movimento organizado. Francesa e superficial, deleitei-me com a ingenuidade de novos ricos. Algum tempo depois, descalça e paramentada em barrocos deliciei-me em poesia, ao sabor de Carlos Drummond de Andrade. Sobrevivente de tempestade, me vi num corpo bufo, masculino e bêbado, sonhando com o poder. Meu nome já foi Rosa, cangaceira empoeirada à procura do marido fugitivo. Viajei certa vez ao século XIX e sofri a dor de perder uma filha. Nos devaneios de outra, fui velha demônio, moça prenha, rezadeira e personagem fecundador. Depois virei flor vermelha em fantasias de criança. Morei em apartamentos e destilei minha humanidade sendo prostituta, noiva abandonada e amiga traída. De volta à poesia, fiz palanque do amor drummondiano. Com Clarice Lispector estou pronta a renascer em vivágua.

“Água Viva” e Clarice Lispector são encarnações involuntárias que vieram ao meu encontro e aceitei vivê-las, como tormento. Foi proposto um exercício de não pensamento, não intelectualização, não filtro: um pulo no abismo das puras sensações. Uma não ordem, o desequilíbrio, a busca da memória e da sabedoria do corpo e para além do corpo. Um precipício em cujo cerne vislumbra-se a substância que também o ator necessita para criar, para abordar o objeto artístico. Ousei imaginar que “Água Viva” poderia conter e ser ele mesmo muitas metáforas, relacionadas a todo processo criativo, à escritura de Clarice Lispector, ao tempo e espaço das artes cênicas, já que o texto se quer no instante mesmo do presente acontecendo, aceitos todos os imprevistos.

A escrita de Clarice em tudo abomina as facilidades, a começar pela primeira frase de qualquer um de seus textos quando, como se faltasse um primeiro parágrafo “explicador”, o leitor é raptado (não convidado) a participar da narrativa, tornando-se seu cúmplice; enredado, qualquer tola apresentação é dispensável. Nos contos “*Legião estrangeira*”, “*Amor*”, “*O búfalo*”, “*A bela e a fera ou a ferida grande demais*”,

“*Gertrudes pede um conselho*”, “*A imitação da rosa*”, “*Os desastres de Sofia*”, entre outros, acontece de determinado personagem viver uma espécie de *insight* de profunda compreensão de algo, o que o modifica para sempre. Um momento poético, atemporal, de sublimação do cotidiano, forçosamente um novo nascimento, a revelação de novas possibilidades na existência, uma transmutação. Esse acontecimento não tem começo nem fim, expande-se no durante, no tempo presente, que é quando tudo jorra e é, como os textos de Clarice, um soco que ninguém nunca está preparado para receber. Compreendi que se trata do particular movimento que delinea qualquer criação e que “*Água Viva*” é ele mesmo este sublime.

De matéria líquida, aérea, gasosa por vezes, o texto facilmente escorre pelas mãos, sabiamente dificultando qualquer recipiência. Buscando, então, onde estariam as chaves de ressonância que meu corpo já pulsava desde a primeira leitura de “*Água Viva*”, descobri o som, a atmosfera e a luz das palavras, os “*inventos de pura vibração*”, as advertências que Clarice faz ao leitor e um conjunto de frases que, de maneira espantosa, constitui um paralelo com a arte do ator, do teatro. Desses apanhados fiz anexos em papel vegetal, transparente, dada a sua natureza diáfana na escritura desta dissertação. Em transparência também estão os elementos técnicos do roteiro videográfico, para que os mesmos não interfiram na integridade e fluidez do texto escrito. Assim, os aspectos referentes à movimentação de câmera, enquadramento, iluminação, tempo de duração da seqüência, cor, som e ritmo das imagens estão sublinhados como códigos no papel vegetal, evidenciando as possibilidades fílmicas do texto.

Às transparências nomeei como *Paralelos com a arte de Ator, Inventário do Som, Inventário de Atmosfera e Luz e Como Ler Água Viva; “Inventos de pura vibração”*, é título da própria Clarice, pescado de “*Água Viva*”. Ainda em transparência, está “*O elefante*”, poema de Carlos Drummond de Andrade, ícone que se tornou de uma reflexão artística em que peso e solto ao vento o meu fazer teatral até agora, concluindo um ciclo. Eu quis que esses excertos se interpenetrassem e interferissem um no outro, de maneira a adquirirem, na escrita, a mesma qualidade de inspiração que possuem na vídeo-performance e no roteiro videográfico.

Pulsantes também estavam as qualidades de Clarice Lispector ser sagitariana e de família judia e, como ficou claro para mim, de conhecer bem a cabala dos números,

autodefinindo-se como 9, 7 e 8. Dentre os muitos significados simbólicos¹ destes particulares números, sublinho o percurso que minha intuição alinhavou, como que percorrendo os diversos momentos de “Água Viva”, pontuados inclusive na relação entre personagem e figura divina. Então, em 9 anula-se, em 7 reencontra sua totalidade e em 8 transmuta-se. Somando-se duas vezes estes números, encontramos o 6, onde equilibra a si e à sua sombra. “Água Viva” também respira em 2, eleva e aterriza o seu leitor.

Com o desafio de construir um roteiro a partir de “Água Viva”, optei por encarnar a personagem pintora de Clarice, inserindo-a no seu espaço cotidiano e tempo cronológico, a fim de adivinhar-lhe a movimentação interior e a subjetividade perceptiva a partir de cenário, luz e sonoridade concretos e objetivos, criados a partir de pistas deixadas pela autora, somadas à minha imaginação. A performance em vídeo, que acompanha essa dissertação, inspira-se nas diversas acepções do caminho criado a partir dos números 9, 7, e 8, transformados em língua-dança corporal, ecoando uma movimentação interior plena de significados e pontuada pela não literalidade ao roteiro criado. Nesse sentido, o vídeo é a continuação do roteiro, ou aquilo que está nas suas entrelinhas, o que ele expira.

INSPIREXPIRAR

É preciso inspirar Clarice, oxigênio mais puro. É preciso expirar Clarice, das vertigens do puro oxigênio. Desdobra-se em 2, entre expandir e recolher. Vê manifestos os seus conflitos de criatura e intuitivamente compreende que todo movimento vem de opor-se e complementar-se em claro escuro.

Mergulha em água doce, expira o inimaginado. Arremessa a cabeça à superfície e inspira tentativas de explicar a mim, que a observo, o inimaginado sensível. Desconversa, fala de pessoas-flores, formigas, gatas parindo, africanos... filhos da memória excitada, e foge.

Reconhece-se no mítico, no homem-cavalo. No cavalo, que corre muito solto e não sabe que vai ao encontro da morte, de encontro à.

Nasce de si mesma, de seu fogo-sagitário primordial e se alforria do Deus injusto. Se cria intrinsecamente má, da noite do tempo, Eva pagã. A Deus alegria, a esquerda, feiticeira obscena bebedora de sangue, no marco zero.

O rasgo do grito, o feio, o dissonante, o não belo, o entrecortado.

Dilui-se no pré-existente, segue uma direção e encontra o equilíbrio em 9, 7, 8 = 6: anulando-se reencontra sua totalidade para finalmente transmutar-se. Nasce solitária concluindo um ciclo e depara-se com seu inferno. Escolhe uma direção solar, festeja e descansa sua auto-criação. Ressurge pelo verbo, seu mundo aquático intermediário e anuncia para si um equilíbrio fecundante. Opõe-se ao seu criador, vê a si e à sua sombra invertida e duvida da direção a seguir, mas, combinando água com fogo, germina, dessa vez para cima.

O tempo e espaço em que existimos cruza-se hoje graças ao teu verbo em relevos sonoro-imagéticos e ao completo fascínio e reconhecimento do meu corpo cênico na partitura dessa tua palavra. Abro teu manifesto de vida e sou sugada rumo a um labirinto que me dissolve em consciência gasosa, mera observadora do espetáculo de seus intermináveis renascimentos. Sou pega em seqüestro voluntário mas ainda assim desconheço a completa extensão do teu inesperado, por isso te leio em minha voz alta, para minha certeza de existência dentro do seu universo de sonho.

Teu exercício de não pensamento encontrou-me em momento de entrelinha quanto à minha forma expressiva. Eu refletia sobre a força do verbo e da máscara no evento teatral, refletia sobre os personagens que já havia encarnado e tentava adivinhar-lhes a cadência em minha história. Então, com a ajuda de Drummond e seu elefante (em quem amava disfarçar-se), vesti-me com todas as minhas criações personas e intimei que dialogassem, desequilibrando seus pedaços de mínima vida em mim. Nesse momento, nem eu os era e nem eles me tinham para si: eu era eu, imbuída de suas memórias, mas desnuda e vulnerável com meu corpo solitário e próprio rosto e expressão crua, é nos olhos que “...*se deposita a parte do elefante mais fluida e permanente, alheia a toda fraude*”². Meu momento era de silêncio. Já você optou por uma personagem/pintora a fim de descrever sua crueza de intenções para com o mundo.

De propósito sento-me no banco do ônibus que fica bem em cima da roda, mas queixo-me dos solavancos toda vez. Aceitei teu aviso de perigo e por conta e risco me permiti usufruir contigo o devaneio daquilo que está por trás da palavra, sendo dela o extrato mais interessante. Visando minha sobrevivência como personalidade, por muitas vezes realizei o movimento de afastamento e reaproximação do teu objeto gritante e percebi que precisava sempre de novas janelas de reentrada, desbravamento e criação de novos caminhos que permeassem os vários sentidos em direção à tua presença autêntica. Em alguns momentos, impondo-me ingenuamente tarefas de aproximação óbvias com o teu universo recriado, desejosa de acondicionar em gavetas as muitas faces de tua eloquência, senti pesar-me a carga de tua maldição: você não se resume, gênero não te pega mais, o que você escreve não é uma história. Teu completo abandono me lançou num branco e solitário purgar.

Finalmente compreendendo tua proposta de reencontro consigo através da palavra, percebi o movimento criativo em mim indo na mesma direção, sendo a palavra subterfúgio para codificação dos silêncios primórdios, averbação de uma musicalidade que, tanto quanto água, compõe a química dos seres. Deixo-me então dirigir por tua não palavra, coloco-me à disposição dos seus inventos sonoros, luminosos e de pura vibração. Leio metaforicamente suas advertências de como lê-la e encontro nelas os códigos que minha potência necessita para ressoar uma criação. As peças da tua escrita de quebra-cabeças me permitem, me permites, recortar e recosturar (teu brinquedo de palavra predileto) tuas

frases de cumplicidade com quem te observa e nelas paralelo verdadeiro manifesto da arte de ator: da simbiose com personagem e platéia, do tempo e espaço do espetáculo cênico: com a minha voz de não, eu te digo atitude em palavras, as palavras são junções de signos, estarei sempre revelando um segredo dolorido e soprado, meu. Olha pra mim, meu desenho desigual, minha marca. Olha tudo, depois estanca no meu olho, que já te viu. Lá dentro, do meu olho, também não há máscara. Eu me arrisco, me desnudo, poso para o teu olhar, eu sei que você está aí. Não escudo nada.

Leio. Decupo. Risco. Coloro. Falo. Sinto. Gravo. Falo. Ouço. Recorto. Colo. Penso. Sento. Sinto. Levanto. Arrasto móveis, crio espaço de ar. Danço. Canto. Descubro. Imagino. Intuo. Subo. Desço. Canso. Me angustio. Me alegro. Ilumino a cena. Me movo em cena. Mentalizo. Respiro. Escrevo. Apago. Vejo. Presto atenção. Vivo.

Do espaço cotidiano faço acontecer dele me fertilizar sagrados se abaixo minhas cortinas e me turbilhono até desprenderem-se-me as solares referências. Um dia torrencio meu corpo com violência enérgica de grito para que dele despenque toda forma-pensamento instalada. Um dia bebo silêncio e escuridão sentindo-me fora de mim, piso, cadeira, ruído. Um dia tudo me ensina, meu corpo está aberto e fico esperando as mensagens em forma de palavra comum, perfume, vento, gesto fortuito, olhares, pequenos acidentes. Um dia dedico à repetição exaustiva de um único simples gesto. Um dia simplesmente contemplo sua imagem humana, Clarice, que me transborda. Assim. Um dia não penso, não ajo. Um dia trabalhar para quebrar máscaras: corpo no caos. No outro, alimentar o arcabouço para que, no outro, o corpo responda como eco, contrário da perfeição ensaiada, para que, no outro, perspective-se fluidez e intensidade desejadas. Criar é dois: aproxima e afasta, concentra e dilui, enxerga e imagina. Deixa ganhar sentido, manifesta, deixa perder todo o sentido. Retoma e enxerga o que ficou, não olha para trás, a mandala é de areia, sabia-se.

“Existir, apenas para nós, não nos basta. Temos necessidade de existir para os outros, de existir pelos outros. (...) ... um rosto humano é um mosaico onde se combinam a vontade de dissimular e a fatalidade da expressão natural. (...) A dialética da dissimulação e da sinceridade não cessa de ser ativa.”³

E se essa fosse a minha dor?, desejamos agora, você e eu. E acontecemos quando os olhos de outros também querem para si essa dor ou se reconhecem nela.

Lançamo-nos para tanto no pretexto de sermos outras: você pintora e eu pulso de sua escrita. De sermos personagem. Mas ambas sabemos que só é possível representar quem já está em nossa alma ou é compreendido, amado, respeitado e portanto aceito incondicionalmente por ela, sem julgamentos. Desejamos uma espécie de morte, “...o excesso de mim chega a doer”⁴, usamos o personagem para sermos nós mesmas em cena.

*“Uma fenomenologia da dissimulação deve remontar à raiz da vontade de ser outro que se é”.*⁵

Diluimo-nos e nos transformamos na coisa-personagem, entidades elásticas nas quais nos tornamos: *metamorfose, caleidoscópio, pirilampo, fotômetro, buliçosa veia, ser concomitante, lenta evolução, transcendência, it, mutações faiscantes, verdade faiscante, pingente de lustre de cristal, desconhecido de si mesmo, caos, desordem, luz de lamparina acesa, parambólico, aéreo.*⁶ Queremos mais que tudo jogarmo-nos no abismo e nos quebrar em estilhaços, para que depois um vento bom nos una novamente, só que agora numa nova ordem; destituídas que estaremos dos líquidos asfixiantes que se depositaram entre nossos ossos, poderemos suspirar, amar e insultar sem medo de mostrar nossa franqueza e pieguice, nossa verdade sem paixão, dita com palavras mansas, graves e demaquiladas. Viver a vida com uma verdade tal, como se fôssemos morrer a qualquer momento, ou acabássemos de nascer. Realizar um personagem é renascer. Renascemos com ele. A minha e a tua mãe vão nos parir de novo e dessa vez os personagens vêm junto. Eles são nossos gêmeos. Deles, somos mãe e irmã ao mesmo tempo. Os corpos deles têm os mesmos ancestrais que os nossos. Somos reconhecidos como membros da mesma família pelo jeito de andar, de olhar, pelo tom de voz.

Palco e palavra são então nossa geografia, o endereço escolhido para sermos. No seu país, que está irremediavelmente ligado ao meu pelas curvas de nossos litorais, você se move pelo desejo de captar o intante-já e apossar-se do é no momento mesmo em que ele acontece. Pois esta também é minha seara, me posto diante dos olhares de todos e sou devorada e devoro pelo puro prazer dos turbilhões do instante presente. Pois não é sempre inesperada a ti mesma tua próxima palavra e sem controle o meu encontro com a platéia? Antes, o meu desejo das multidões. Agora o silêncio. Falar a uma pessoa de cada vez. Quando se escreve não é sempre para o leitor, no singular?

*O que o mar sim aprende do canavial:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.
O que o mar não aprende do canavial:
a veemência passional da preamar;
a mão-de-pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.*

*O que o canavial sim aprende do mar:
o avançar em linha rasteira da onda;
o espriar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.
O que o canavial não aprende do mar:
o desmedido do derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.*

João Cabral de Melo Neto⁷

Como quando à primeira vista há conexão simpática entre pessoas e elas se procuram acordes semelhantes, também o fiz entre nossas espirais, talvez para melhor conhecer a minha própria.

Encarnamos a terra, incumbidas que somos de gerar a semente que nos encontra, somos a mulher. Nossa alma é estrangeira e antiga, conhecedora das dores do velho mundo, por isso escolhemos um novo dessa vez, que nos acostume também à alegria. Meu gosto insensato para as vulnerabilidades suicidas encontrou eco na tessitura da tua letra de sangue pingando ao vivo. Tudo o que crio integraliza-se de pequenos pedaços, sou especialista em dar dignidade nova a manifestações dispersas e aparentemente sem costura. Não é esta também a tua maneira? Com prazer aprendi a me assistir enquanto brinco de trazer à luz o que me torna parte, meus impulsos primordiais inesquecíveis que me essencializam apesar dos muitos vernizes. Não é esta a vida que você pretendeu insuflar na sua água?

Dos olhos: precisamos dos olhos de todos, é só através deles que existimos. Quem nos observa nos recria, nos co-cria, nos dá sentido e forma. É no silêncio do palco e da leitura que existimos. É na falsa distância entre nós e os outros olhos que somos. É na luz. Queremos trazer a mente do observador para dentro da nossa, queremos hipnotizar, comunicarmo-nos em códigos quase invisíveis. É pela sedução autoritária: o ambiente e a

atmosfera são criados e controlados por nós. Quando nossa armadilha funciona, arregimentamos algumas almas cúmplices.

De Água Viva, existir no tempo presente e para ele construir um andar. Viver o presente como enfrentar. Se olhar, enxergar. Quando tocar, abraço completo da palma. Aceitando o que do corpo sai, o que de pensar suja. Ir ao encontro e exaurir em provocações o presente. Abrir ouvidos, ouvir. Comungar com o instante sorvendo-lhe a pura seiva e, das criaturas feitas para o instante, ser a água que momentânea e suavemente desenrola-se ao tom do ambiente receptor. Da disponibilidade que exige o instante, da não resistência. Despisto entraves receosos das alturas e sem perguntas subo na corda, o que me sustém é uma simples corda sendo ela mesma, e o que tenho de fazer é entrar na vibração da corda, entender a chance que me oferece esse comprido conjunto trançado de fios maleáveis, qual seja a de sentir o desconforto, injetar o desequilíbrio, tatuar na minha carne a convivência com o medo e dele extrair uma amizade. Uma soltura de membros, uma decisão por segundo para não cair, cair culmina em segurança e estar segura é um amornamento de vida. Das instabilidades aprendo improviso e entrega incondicional, aprendo concentração nas adversidades, desenho rasgos e ranhuras na cortina de minhas defesas e como nada posso carregar nas mãos, aprendo que nada preciso carregar nas mãos e não sofro mais com desapegos, nascemos e deveríamos viver e morrer nus.

Do quebrar, a inteireza feita de incongruentes partes não anunciadas, de tirar a casca partir ao meio espremer desossar provar de nunca mais reunir, de putrefações e rebrotamentos de inteireza outra. De perder o sólido, desrespeitar o bloco, desautorizar o fixo para exercício de reengenharia. De soldar não regrado materiais de essência diversa, de resistência diversa, criando o inominado desconhecido. Interpor parentesco entre sonoridade e cor, estimulando propositalmente uma gagueira. De inventar centauros de homens e cavalos em metades, cumprindo a secreta plenitude de correr sem absoluto motivo. De adorar o quanto mais estranho se nos ofereça sincero. Do tempo em pausas de respiro, das interrupções necessárias no mergulho. Do conflito entre ritmos, densidades, espessuras e sentidos, de como se manter em vida vibrante dessa rotação, de como libertar o cérebro do ar condicionado. Das criações possíveis a partir da alternância entre as diversas intensidades de vida: de violência mágica, oblíqua/enviesada, suave/oriental (como sombra flutuante).

Da solidão. Não, não se é sozinho, mas o manifesto contém o incubar. Não aparecer ao mundo antes do que deveria, porquanto teria com quem mas não o que compartilhar. Do estar a si, criança no tapete sem irmãos, mas possíveis universos de visita e encontro e amizade na voz sempre a mesma e várias, de que se cansa uma criança? do árduo e risonho trabalho de estar no mundo, decodificando-o por onomatopéias e assim capturando do mundo seu menos explorado, um contorno à sua maneira inteligível. Ainda assim é um diálogo, o que tento estabelecer com você, apesar do meu solitário. Estamos falando de dobras no mesmo tecido, se mexo em uma delas modifico todas, se na China voam borboletas, isso me chega, se em Brasília as buzinas não são usadas, isso me chega. Estamos amarrados pelos braços pés cintura por fitas que se amarram a braços pés cinturas daqueles a quem tocamos e somos derrubados e derrubamos a cada nosso destempero.

VIVÁGUA I

O vídeo existe no lugar do que seria um espetáculo ao vivo. Essa concepção foi perdendo força no decorrer do mestrado porque Clarice Lispector foi exigindo de mim um silêncio, uma proximidade com meus observadores, uma imaterialidade de imagem que já não se colavam à idéia do ao vivo. No teatro, o corpo é de uma presença por demais concreta em seus barulhos e pele e suores e garganta e vísceras, é de uma proximidade carnal. Inserido-me na atmosfera de intimidade como a de um livro com seu leitor, posso ser revisitada toda vez que houver o desejo de, suscitando imagens e interstícios de memória sempre renovados.

A filmagem foi feita num dos quartos da minha residência, um espaço cotidiano cuja atmosfera passiva, cômoda e tranqüila necessitava ser neutralizada e depois modificada a fim de propiciar um ambiente criativo. Este ambiente, nesse meu processo em particular, precisava provocar certa tensão combinada com recolhimento e concentração. Consegui chegar a estas qualidades de atmosfera criando sempre com as luzes apagadas e na companhia perturbadora dos CDs “Sakuteiki”, de Arve Henriksen, e “20th Century Classics”, de Ligeti, descobertas musicais do meu mestrado que me acompanham e inspiram há quase um ano. Não raro, meus olhos também estiveram fechados nesses momentos.

Os trechos escolhidos para a edição em vídeo foram todos filmados por mim, embora por duas vezes eu tenha tido ajuda na captação das imagens⁸. Foi usada uma câmera da marca Gradiente com um filtro de luz lilás produzido de forma caseira - pedaço de vidro pintado. A luz do vídeo é a estroboscópica, usada em várias velocidades, luz que melhor revelou a imaterialidade desejada na concepção da performance. O enquadramento foi quase todo em plano americano, mostrando cabeça, tronco e braços, inconscientemente prestando-se à concepção geral do trabalho. Foi inserido um trecho do vídeo apresentado na qualificação de mestrado, o único em que a roupa e o fundo são negros. A edição do vídeo tem aproximadamente 9 minutos.

Este trabalho solitário de engendrar a criação, trabalhar nela com meu próprio corpo, preparar a cena com os aparatos técnicos, pesquisar efeitos de imagem e som, manejar filmadora, aparelho de som e fontes de luz enquanto realizava a performance

para captação das imagens, foi ao mesmo tempo exaustivo e recompensador, esse artesanato me ajudou a compreender plenamente um caminho indicado pelo meu orientador e a traçar uma estética criativa.

A edição em vídeo foi feita no Laboratório Olho a seis mãos (eu, Acir Dias e Milton José de Almeida) em duas noites inspiradas. Até então, eu não sabia qual seria o título do trabalho e quais as frases de Clarice que estariam no vídeo. De improviso, veio “Vivágua” para título e as seguintes frases de Clarice Lispector, de “Água Viva”:

- *Diga-me por favor que horas são para eu saber que estou vivendo nesta hora... vou lhe contar um segredo: a vida é mortal*
- *Hoje usei o ocre vermelho, o ocre amarelo, o preto e um pouco de branco espelho eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei*
- *Quando se vê, o ato de ver não tem forma - o que se vê às vezes tem forma, às vezes não.*
- *Vou parar porque é sábado*

As frases que se instalaram na video-performance poderiam até ser outras, há muitas frases significativas em Clarice, mas essas se apresentaram com mais força e é com elas que se fará o aprendizado do instante. Essa criação, fruto da inspiração do momento, coroa agora meu trabalho com as substâncias que manuseei e ofereci à percepção dos leitores: a emergência de vida pulsante; as cores alquímicas, potências de criação, que por “falha” na ilha de edição recusavam-se a desaparecer da tela; a construção de nova realidade condensada em riscos, sensações e uma recusa consciente ao figurativo; o presente, o presente que contém e exala as memórias; o número 7, número de Apolo - deus de luz, dia solar que indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva, totalidade do universo em movimento, a volta ao centro, ao princípio.

VIVÁGUA II

“Quando se vê, o ato de ver não tem forma - o que se vê às vezes tem forma, às vezes não.””

De toda a chuva que cai, as gotas que me molham são as que modificam meu estado. Do tanto, os números: novesseteoitosseis. Meu seu desenho: fixar a ponta na direita alta e ir curvando em baixa esquerda e direita acima até encontro circular mediano; direita baixa e curva aberta, pequena, esquerda, final. Reta curta no horizonte da esquerda para a direita, reta baixa vertical, pausa, reta-cruz horizontal à vertical da esquerda para a direita. Direita alta, curva baixa esquerda e direita acima até encontro circular, duas vezes, um acima outro abaixo colados em base suficiente. Direita alta, esquerda curva baixa, direita curva e esquerda curva acima até encontro circular mediano final. Me sinto espocar em linhas cardeais. Tudo o que sou eu granula-se e se me desprende imantando-se nos objetos visíveis e posso viver seus destinos por correspondência de vibração, como fez a ponte de aço que foi decodificada em borracha pela marcha dos soldados. Lembro-me de desejar um dia ser a água que é derramada e se incorpora aos ambientes porosos e com isso constitui um único observar sobre o mundo. Conheci que meus fragmentos, cientes de si até sem as ligaduras, eram necessários a outros encontros, porque me diluindo estou contida e contendo. No desterro onde aporto estou sozinha e preciso intuir uma direção. Disso dependerá tudo, então decido pelo caminho mais enevoado e, pelo que consigo enxergar, o mais tortuoso, escolhido que foi por sua qualidade de curva: para que seja sempre necessário reduzir a velocidade e surpreender-se com o depois da curva, meus faróis acesos, meus olhos sempre acordados. Vou abrindo a facção meu percurso por entre a veladura e tropeço muitas vezes em pedras invisíveis e sou atingida pelas chuvas e cegada em cada volta quando dou de encontro com a luz e tenho que me orientar pelos riscos que alguém marcou no chão. Porque todos os outros caminhos padecem de retidão e são muitos e claros e disponíveis. Então veio o fogo, que outro elemento engendra o poder de decompor as essências como o fogo, ele que nos foi apresentado pelo deus para que pudéssemos reunir algum controle? O que aprendo do fogo: de sua capacidade de ascender matérias alterando suas substâncias, tirando-lhes a face terra e mostrando o caminho dos altos, porque não é possível às densidades alçarem-se sem que se assemelhem ao próximo

elemento, e o é de águas mais leves. Como com isso não desejar atirar-se às labaredas faiscantes e reinventar-se aéreo pelo curioso de entender os próprios contornos? Agora sou isso e também aquilo, vejo uma minha casca retorcida e minha condição gasosa, fui chamada a participar de minhas divisões celulares e como agradecimento renuncio a Deus e é exatamente o que ele espera de mim.

Se nada está em repouso. Sendo assim, percebo surgir um estranhamento entre mãos, tensão exploratória nascida talvez de pés e postura igualmente inconformados. Observando atenta, vejo quando braço e perna direitos manifestam o desejar altos, deixando para esquerdos a tarefa de um sustento quase seguro: pois que quadris chamam para si a síntese do conflito. O único pé me desbasa, permitindo às atividades aéreas serem. Lentamente, enquanto é refeita a base dupla, sendo uma ponta e um calcanhar, braços encaminham-se e cria-se um desenho no momento em que um pulso esquerdo procura refúgio num encostar de cabeça, e dorso de mão direita anseia ser tocado por outros dedos que olham para o chão, indicando este caminho. Em novo impulso sinto ombros não se quererem e mãos olharem-se de longe como espelhos. Minhas partes de meus pés desequilibram as hastes das minhas figuras. No centro de mim é que encontro as alavancas, o abdômen sobe o braço, que é três, sobe a perna, que é três. Pois em desequilíbrio ergui minhas meias formas, nas incertezas.

Poderia dizer em belas palavras: enquanto lhe danço, comungo com a extrema força invisível da criação fundamental; me alimenta não dirigir ou compreender o movimento que vem a seguir, porque percebo que uma vez mais encontrei a porta e estive naquele lugar e envelheci cem anos, aquele lugar que é onde sabe-se o motivo das vidas. Leia-me em fluxo rápido como a um trotar, mas à minha imagem não tenha pressa, que um gesto pode conter o motivo da cigarra, quatorze anos enterrada em dormência, ouvindo e absorvendo em alimento os ecos de cantos estrangeiros que um dia entoará à sua maneira, até o espetáculo de sua morte.

Em meu novo mundo desejei ser em silêncio, a palavra manifestada em som é um poder do qual abduco pela extrema responsabilidade dos entendimentos dirigidos por uma intencionalidade atriz. Também por sua patente não necessidade na condução dos eventos visuais aos quais me proponho, é, não abduco de todo o poder, só do poder de manifestar edifícios sonoros. Se a respiração calada traz o gesto e o gesto traz o

sentimento... se os seus olhos souberem que devem acompanhar os riscos da minha língua-corpo, logo perceberão minha narrativa, logo verão seu simultaneossincrônico para com os mudos eventos vivíssimos. Será que minhas consoâncias e vocalidades ainda estão em território português-brasileiro? É para os nossos que sou, embora não haja garantias de existência das imaginárias divisas? À minha frente vi sons como de flechas curiosas sendo atiradas e devolvendo os ecos das coisas acertadas. As conversas incomodadas irromperam a cortina de água causando padronagens ondulatórias intercomunicantes, pré intuindo o estabelecimento de uma linha melódica, por sorte continuei em silêncio. Dobrando a esquina, surgiram notas brancas desatadoras e voz de boca aberta expirando um nada verbal de chamamento urgente, voz de chuva percorrendo um sinuoso interminável.

*“E assim construímos o mundo visível
a partir do claro, do escuro e da cor”¹⁰*

Com pretos e brancos entoei meu sussurro de olhos sempre abertos, que se escuro repousam e em claro extremo indistinguem, e de novo e de novo sobre contrair e dilatar: a máquina orgânica com sua simples e única sabedoria. De um a outro caminha-se sobre terreno de requerimentos alternados, visão de um que se completa no desejo de seu contrário e assim e assim os opostos constroem o pleno e são felizes cada um por ser e evocar o seguinte. A receita do negrume: entorne todas todas todas as porções de cor manifestadas numa recipiência, a isso potencialize em uma aceleração que faça relaxar suas personalidades em favor da dissolvência no conjunto, o mais puro e melhor de cada uma. O negrume requer muitas aparentes mortes para seu surgimento, aparentes porque no bojo desse nascimento através da morte estão contidas as vidas sorridentes e inteiras. Já a alvura nasce da renúncia, nada entoa senão a cumplicidade respeitosa da luz. Anda descalça e nua carregando sua imaculada altivez, desejosa de servir às coisas como mais uma chance. Mas é de generosidade angustiada, coloca-se à disposição e, por isso mesmo, exige a linha o desenho a cor. Nada pode ser simplesmente branco, pois que a não cor envenena-se dela mesma. Te apareço aos olhos antes em vermelhos, revivendo a primeira faísca invisível que traz depois de si a claraevidência do dispositivo lâmpada em sua função luz e filosofia atrito, aprendida da fogueira primordial. Meus azuis com violetas aparecem quando caminho pelas vielas escuras e a luz ainda assim me cega, meus azuis te dispensam de ser

pois te preparam para a dissolvência necessária a quem deseja caminhar por vielas escuras. Azuis com violetas e vermelhos no meu mundo surgem da mesma fonte, você acredita? Tudo é da luz e de sua ausência e de seu ritmo de ausência e de sua intensidade, nisso não é preciso acreditar, atenha-se à minha sugestão de luz e cor e movimento com o olhar enviesado de quem não deseja enfrentar direto e em superfície branca observe e serão impressos: quatro claros ofuscantes, um escuro faiscante lento pausado, dois escuros faiscantes rápidos, dois simples claros e um simples escuro.

Te apresento a mim através de meus duplos de luz e cor e movimento, já há algum tempo isso foi decidido. Pode parecer que eu venho ou que estou longe, mas perceba que por diversas vezes me coloco muito perto onde você possa me tocar se quiser. Não carrego paramentos e meu rosto está pintado, anulado, neutralizado no branco, não é preciso que eu mova meus músculos faciais a fim de te me contar. Te pareço várias? Devo ter sido, sim. Se te olho ou não pouco importa, sei que tua presença é sempre à minha direita ou à minha frente, certo?

¹ CHEVALIER, J. ; Dicionário de Símbolos, 1992

² Trechos do poema “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade, 1996, p. 126

³ BACHELARD, G.; O direito de sonhar, 1985, p. 171

⁴ LISPECTOR, C.; Água Viva, 1994, p. 85

⁵ BACHELARD, G.; O direito de sonhar, 1985, p. 165

⁶ LISPECTOR, C.; op. cit., palavras retiradas de várias páginas

⁷ Poema “O mar e o canavial”, 1982, p. 84

⁸ Maurício Francisco Ceolin e Izabel Cristina de Souza

⁹ LISPECTOR, C.; op. cit., p. 94

¹⁰ GOETHE, J.W.; Doutrina das cores, 1993, p.44

“Uma pergunta (...) nos leva na direção das miudezas da vida cotidiana: quando é que tais segmentos temporais breves e inseqüentes se tornam acontecimentos? A carga metafísica ou ideológica em tais práticas narrativas aparece no momento em que se exige que a pergunta sobre o acontecimento forneça uma resposta suplementar sobre o que é, de fato, a realidade, ou o que é a realidade em primeira (ou última) análise. (...) O declínio de perspectivas e narrativas históricas mais abrangentes e a neutralização de um complexo mais antigo de interesses e enfoques narrativos (ou formas de consciência temporal) nos libertam agora para um presente de intensidades não codificadas, mais ou menos como o efeito químico de drogas serve para afrouxar nossas pró-tensões e re-tensões temporais na contemplação hipnótica do que agora nos é apresentado ‘alucinogentemente’.(...)... reconquistar aquela experiência através de outros meios construídos internamente.”

Fredric Jameson¹

O ROTEIRO

As páginas transparentes contém a face técnica do roteiro visual. As seqüências de cena estão numeradas de 01 a 16 e envolvidas em chaves que definem seu começo e fim. Nas chaves, abaixo da designação do número da seqüência estão as especificações de tempo de duração da mesma, em segundos (abreviados pelo símbolo ”), bem como se a seqüência foi construída em preto e branco ou em todas as cores.

Os retângulos instalados em determinadas palavras do texto delineiam as especificações de luminosidade, sons, movimentação de câmera, enquadramento e ritmo das cenas, bem como a intencionalidade de algumas ações.

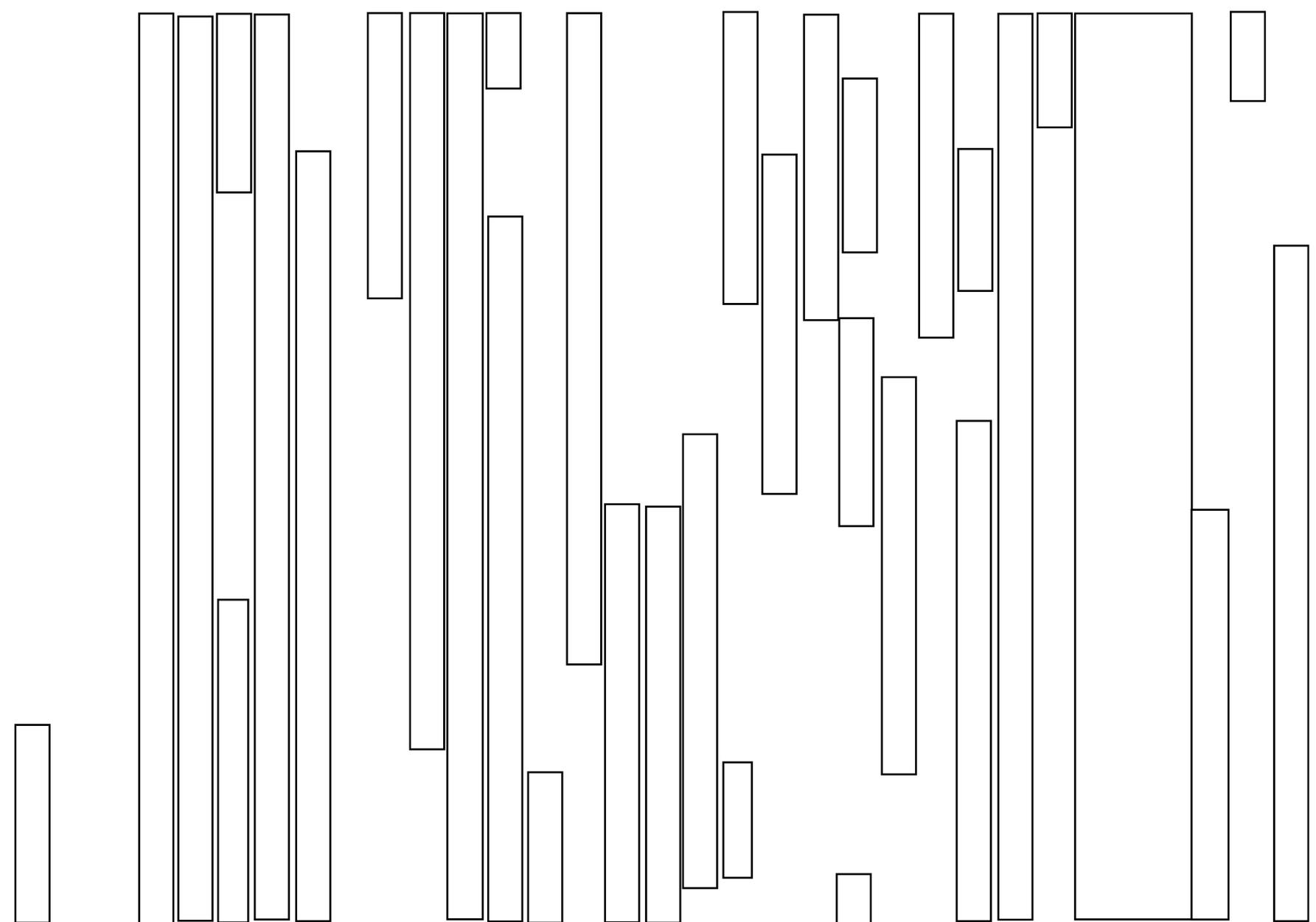
A duração total do roteiro apresentado é de 9min 20seg. As citações em ***negrito/italico*** são de Clarice Lispector, em “*Água Viva*”.

O branco. A imensa tela branca que de tão luminosa o olho foca e desfoca, aproxima e afasta, o inexistente tensionando as possibilidades em perspectiva, profundidade, drama, silêncios e humanidades, sem traço, reta, borrão de descanso. Vão surgindo a cortina leve-escura, a parede clara, a janela quádrupla, a escada, a brisa, o chão respingado em escuros coloridos e grandes borrões brancos, copos copinhos sobre copinhos de café, café, café, tintas, pincel, trapinhos, cadeira velha com cinzeiro e bitucas e garrafa de café, café, café, a emoldurar o branco vazio e silencioso, opressor, o nada tão concreto e carente, a escuridão cega imbuída do alvo mais alvo. Um teto, de madeira branco, gira quarenta e cinco graus à direita, transversionando suas setas.

A mão direita acintosamente respingada de branco, de unhas esmaltadas, segura o cigarro recém aceso, desvanecida pela paralisia contagiante da tela alvíssima que atrofia o traço cotidiano, sabido e acostumado. E vivo atrás e dentro de, debaixo da novamente tela forjada a úmido pincel, de repente, visível, sonoro em seus escuros tortos a pulsos duros de destino além moldura: está lá ainda lá o rejeitado, lembrança oleosa de inseto.

O vento quente do dia, do dia, do dia traz no seu ondulado, como dita a Física, todos os ruídos da rua muito abaixo do piso respingado. E não se sabe que tom, que nota difusa, que sonoridade concreta, ressonada ou imaginada traz aos ouvidos uma nítida impressão de fogueira, ou seria do cigarro aceso, da fumaça, essa memória? E se a distância entre cadeira e quadro fosse negativa, nas proporções do olho que vê de trás, essa memória, essa fumaça derreteria a expressão indesejada bastando aproximar ponta com ponta, cigarro e quadro. Olhos baixos que não vêem o desejo das crepitações, muito embora em toda história do que não era, houve antes a vontade de. Os quadros, os outros, os concluídos, junto, dentro, do avesso, colados, os traçados e tons comunicando-se como em papel-seda, um mais um sobre um, dez, todos, em relâmpago. Estão, ocupando o espaço denso, atrás da mesa, atrás um do outro, atrás das costas da cadeira, de costas para os olhos, tanto atrás! Como são presença tão ativa na retina essas estátuas de pó, os também enfeitados de agora? E crepita. Fogo é sempre de encontro.

O branco, a imensa tela branca. Um único olho esquerdo suspira longa e insuspeitadamente e quando ameaça desviar-se surpreende mão e pincel e quenturas de cor em ação nervosa no branco, mas é a mesma mão que lhe pertence, ao olho. E crepita em graves agudos que ora constroem lépidas curvas brancas no branco, ora desovam massas vermelhoalaranjadas circundadas de amarelo ouro, formas inusitadas com reentrâncias abissais, simetria orgânica e base precária, existências em cor nervosamente imprimidas na tela por olhos, agora os olhos, que enxergam uma mão que nervosamente imprime na tela as existências em cor da memória do crepitar de uma fogueira do ruído da rua e da fumaça do cigarro. Cores que não constavam da palheta, gestos arredondados estranhos à desde sempre urdidura.



SEQÜÊNCIA 3
20" / COR

SEQÜÊNCIA 2
35" / COR

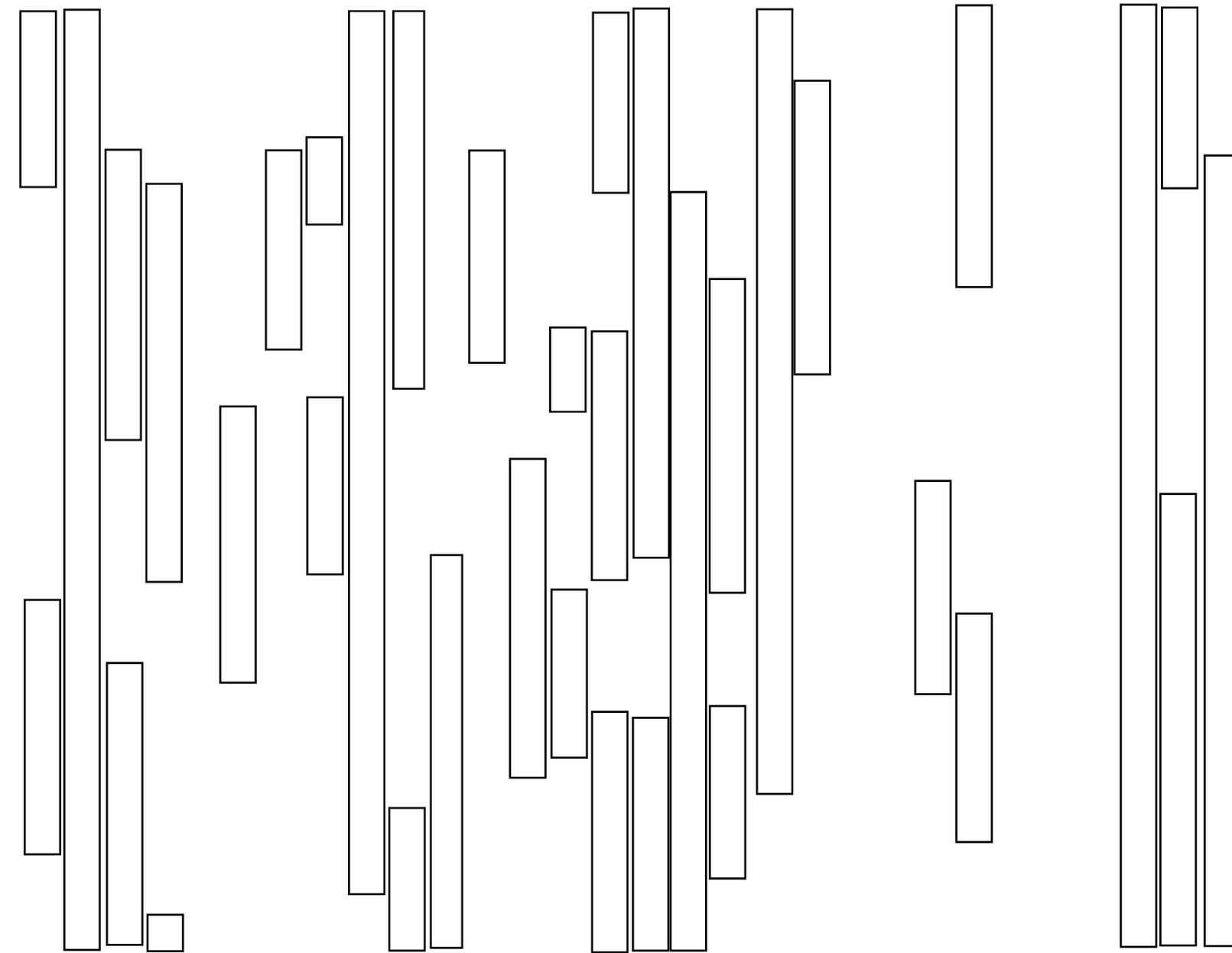
SEQÜÊNCIA 1
25" / PRETO E BRANCO

Olhos alargados, devagar, devagar, ventre enrijecido, cada músculo em movimentos sussurrados evolui em sua finalidade eretocaminhante para a tela, mas a tela, a telaaaaaaaaaaaa... branca, e um torpor do levantar-se que esmaecendo a luz do universo visível deseja voltar à posição original. Não era permitido piscar, assim também para quem não domina o jeito das figuras de terceira dimensão.

Diz braços enovelados em pernas e as chamas subindo e eu passiva como uma carne que é devorada pelo adunco agudo de uma águia que interrompe seu vôo cego. Num pedaço qualquer de papel, percebendo a avidez do momento, a mão escreve e reflete e prende a letra do pensamento livre. E o que é uma caneta?, pensam os três dedos que ancestralmente apoiam tudo quanto possa significar civilização: um suporte para a tinta que registra impressões sobre superfície plana e não raro branca... um pincel também, que expressa idéias de outro tipo, idéias em palavras. ***Como o amor impede a morte, e não sei o que estou querendo dizer com isto. Confio na minha incompreensão que tem me dado vida liberta do entendimento, perdi amigos, não entendo a morte. E que se derramem safiras, ametistas e esmeraldas no obscuro erotismo da vida plena: porque na minha escuridão enfim treme o grande topázio, palavra que tem luz própria,*** diz em voz alta seu pensamento acordado, desenhando palavras, palavras verdes. As pernas pressionam a cadeira a virar-se definitivamente em direção à escritaninha improvisada, arrastando ruidosamente consigo, movimento que se realiza no olhar, todo um arsenal de energia co-criante emprestada às artes cromáticas, que aguardam brevíssimo retorno a quarenta e cinco graus à esquerda.

As palavras jorrando antes mesmo da escrita e se estabelecendo como a novíssima forma para conteúdo pré-existente. Na sua graça de livres, o que os olhos guardam contradiz o ritmo de mão e pensamento, é lento e grande. São menos as letras e sílabas e frases que as cores, curvas, sons, densidade e tessitura do desenho alfabético: ***dinossauros, ictiossauros, plessiossauros*** são o ar quente do dia findo à caça de comida, a sirene da fábrica.

Depressa, depressa, antes que. Como se o remédio suicida logo logo a fazer efeito e fosse preciso um legado à humanidade a caneta escreve sem respirar, instrumento psicográfico do inteiro corpo, mais que mais que tinta, veia ampliada, de jorro solfeja cego-pensantes colheitas de atmosfera, sim, os olhos fechados, ***com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação enérgica dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e sua sombra*** ponto. Ponto bem desenhado. Os dedos encostam e não a caneta no papel, instrumentos alongados de sistema complexo, pausam em atitude de grua às ordens do comando central recém empossado.



SEQÜÊNCIA 5
30"/COR

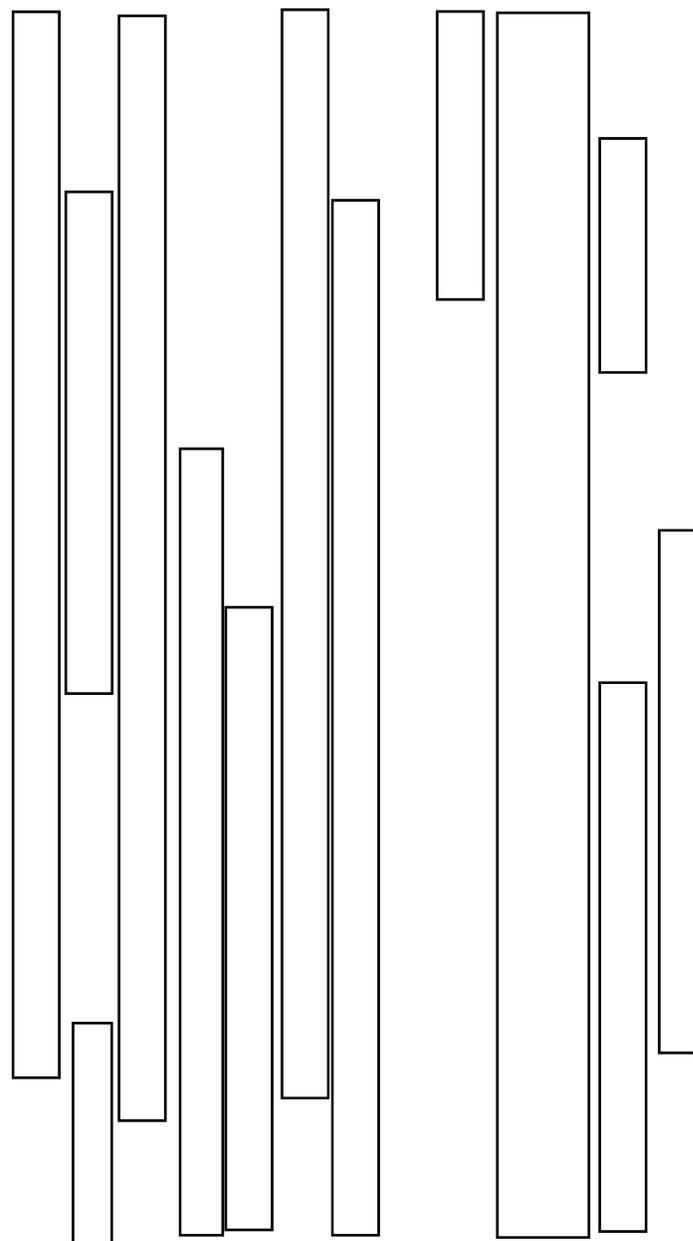
SEQÜÊNCIA 4 35"/
COR

Um sorriso. Que emenda num sorriso sonoro, que finaliza num cúmplice entrebaixar de cílios, seguido da sensação de fio sustentando a coluna em leveza de saudades corpo-sensíveis. S, ésse, ssssserpente em deslize vertical descendente, culmina em reentrâncias nervo-constritoras cujo visível efeito se aglutina a quatro dedos abaixo do umbigo, em contração de inspirar e suspensão momentânea que afrouxa na mão a caneta e desconcerta os batimentos, migrados para as palmas das mãos e o ouvido esquerdo, que é essa coisa que só escuto com o ouvido esquerdo? Ribombo, ribumbo.

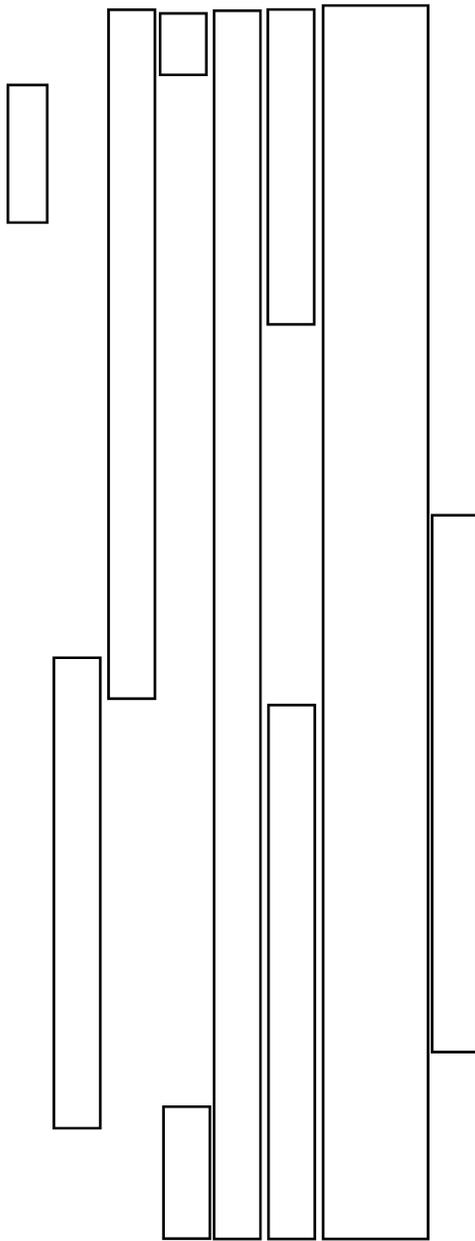
Naquele dia, no minuto em que pisou na sala, soube que tinha se descolado e se transformado em duas de si mesma. Quem olhasse detidamente poderia ver uma ao lado da outra questionado-se em silêncio e existindo de suas singulares vidas paralelas. A mente única dialogando-se e amadurecendo conceitos, princípios, recalques, movimento que pôde ser assistido pelo resto do corpo, cujas ações físicas tiveram que contentar-se em acontecer sempre uma fração de segundo depois de serem realizadas pelo intelecto. Um tal de se ver cruzando pernas e cruzá-las, mas já fiz isso, olhar para trás, quem, indo à janela e ir atrás de si, pensar num determinado desenho de determinado quadro seu e pensar que vai até lá e o procura e ir até lá e procurá-lo e ver o desenho e depois não saber porque quis vê-lo, nenhuma modificação sensível. E lembrar o porque, tempo depois, aquele tônus no verde retanguloirregular ressoa certo telefonema em campainhas e desligar e inquietação em cor. O dia inteiro aquilo de fazer o já feito, acontecer o já pensado e sobretudo entender. Soube do batom borrado muito antes da comunicação do espelho. Compreendeu que o universo está sempre em construção ou reforma, por isso o interminável trabalho de martelos e serras elétricas: cortar e fixar. Repetição.

Em dado momento coube brincar de acende/apaga a luz do cômodo, brinquedo de noite/dia. De fora do prédio, a depender da distância, vê-se um aceso com moldura em quadrado, uma luminosidade sem forma e um simples e só ponto de luz se vê de bem mar adentro, do olho de quem estaria num barco. E quem estaria num barco, aceso na madrugada, deve ter pensamentos de código, recado, intriga, vindos do simples brinquedo de noite/dia da artista no cômodo, no prédio, no ponto de luz.

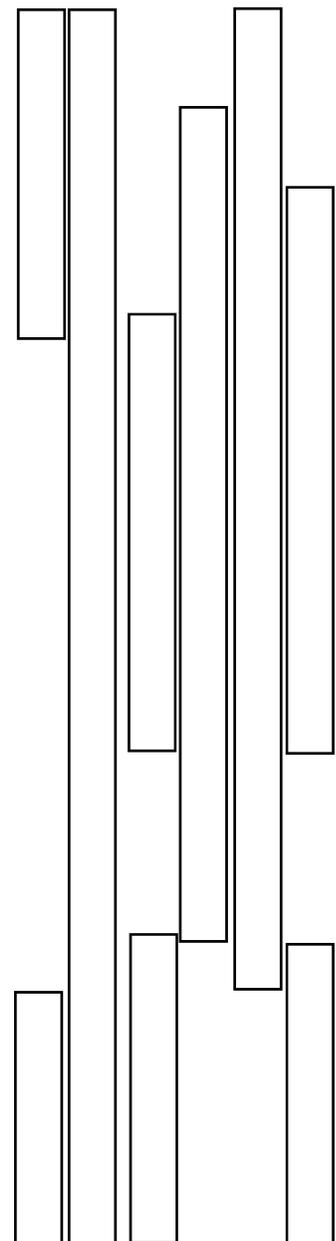
Cada respingo do chão o olho sem desejos fazia juntar-se a outro e outro menor e outro distante, para assim formar figuras, formas, rostos de intenção, fisionomia, drama. Se fossem rostos sem qualidade, como há tantos, mas não, são semblantes completos, olhares com significado. Daí o fazer-se noite do interruptor. Se com o clic do dia o semblante permanecesse, era encará-lo, apresentar-se e indagar a que veio. De forma que o chão transmuta-se em solo sagrado, em sítio arqueológico, como pisar nas formas vivas sabendo-as? Mais! Inquirindo-as. Mais! Joelhos no chão, ter-lhes tracejado as existências a giz branco em solo cinza esverdeado não encerado?



*SEQUÊNCIA 8
40"/COR*



*SEQUÊNCIA 7
45"/COR*



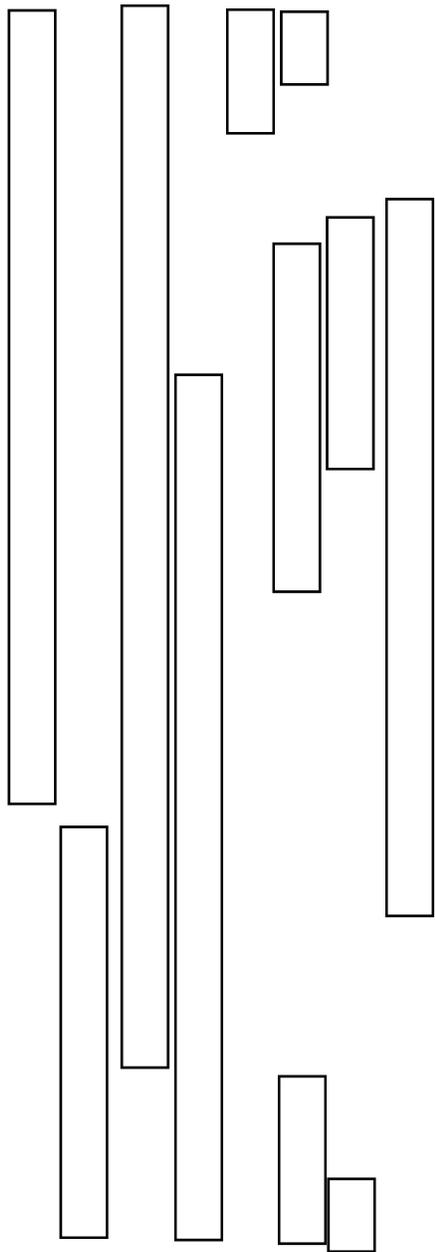
*SEQUÊNCIA 6
10"/PRETO E BRANCO*

A lâmpada central do cômodo contempla o mapa cromático das diversas pulsações de vida, realça-lhes as concretudes de dentro, fora, por sobre, por entre linhas, percorrendo os níveis e dimensões em retas invisíveis que derramam luz contínua a sessenta vezes por segundo, quando tudo que é não gera trinta vezes sim na ida e tudo que é gerado sim concebe trinta vezes não na volta. Quase que lhes impingindo som, na simpatia da luz pelo que é branco, sempre sempre o soberano ponto de partida e sedução do que deseja ser percebido.

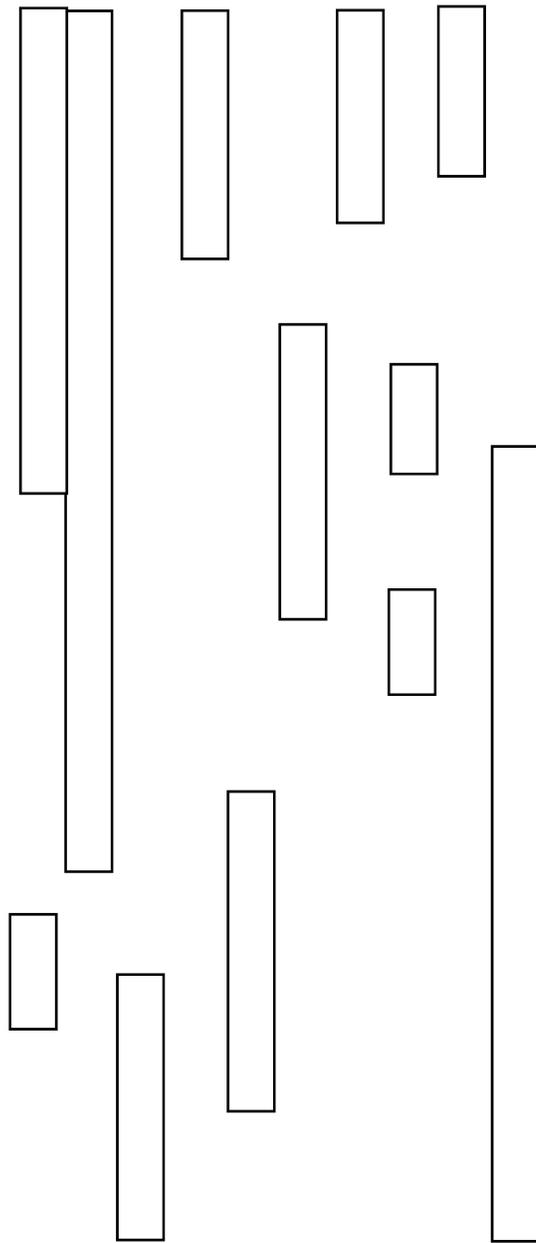
Escreve. Maior, até “agulhão” caber sozinho no papel, e tudo que se pretende circular e côncavo em “agulhão” vaza em cor, e se a linha da palavra fosse a lápis haveria a borracha para desalinhá-la, mas, o ambiente é de tintas e a palavra há que ficar cercado vivamente a cor, mas, agora, por que não também passar o branco sobre papel e fingir a palavra na memória como subterfúgio de circulares e côncavos para berço da cor? Tinta, pincel, papel, pauta, dedos, titubeiam e não. É que a palavra. “Agulhão” traz vontades de perene, apegamentos. Borracha existe para o erro, e o erro, existe? O equívoco, o incômodo desarmônico desalinhado assimétrico: o branco pode lhes dar com a porta na cara, lambe-lhes o nariz? Em vermelho, violeta, ocre e marrom é composto um incitamento em palavra.

A cor, a flor, uma flor, um pulso amarelo exalando toda uma ária e reinando soberana na janela ao sol. Em roxos, amarelos, róseos e brancos vibraram um dia os pequenos potes de raiz, caule, folha, pétalas, terra. Um viço, uma juventude que se quer sempre muito perto, que de exuberância viva acredita-se não precisarem de nada e ninguém. Até que mudo ofegar em desmaio denote a ausência da substância fundamental água, e também então ajudar um pouco mais, interessar-se por essa nova vida e trocar moeda corrente por substância muitíssimo fértil e voltar lendo que basta uma colherinha por sobre a terra e pensar uma só? E dar três, quatro e água e nas diárias contemplações ir percebendo com terror que por amor extremo sincero cristalino também mata-se, aniquila-se toda chance, o objeto de amor rápido avessa-se naquilo que se torna quando não se é amado, então muitíssimo amor e nenhum são o mesmo poder. No aprendizado da química universal, faça o bem aos poucos e o mal todo de uma vez.

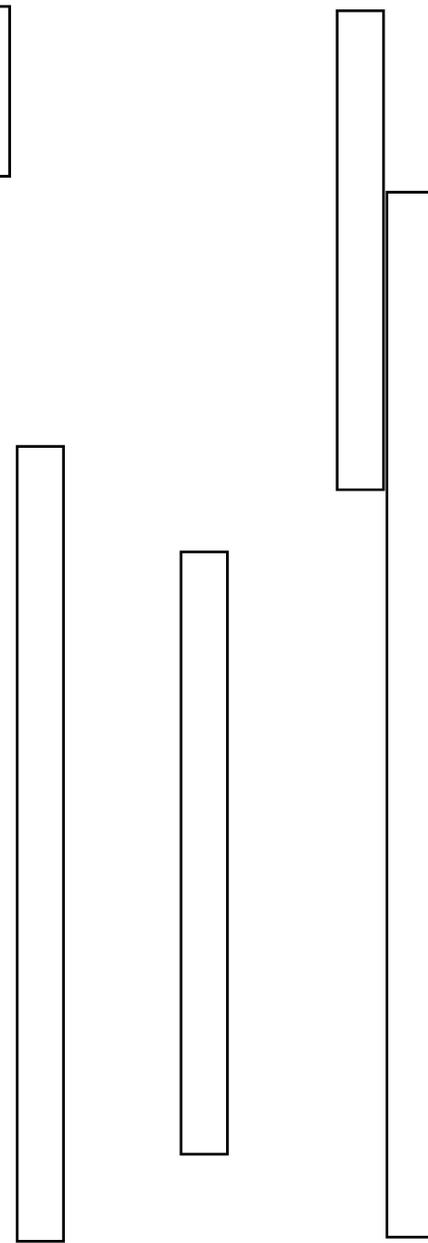
Da forma primeira em cor, perfume e redondos bailados sustenta-se um risco, um chiado de flor, o rascunho endurecido de toda uma primavera, uma infertilidade em padecimentos, não olho e não penso, mas o olho vai e vê e sofro, não podemos conviver, você já não é. E olhar com coragem e saber que o lugar das formas não vivas é longe daquelas que querem viver, porque querer viver é por associação. Então um canto, uma esquina de aposento fundo e escuro sobressai como que reclamando mais uma memória vegetal, o santuário das vítimas de muito e nenhum amor. Teve também vontade de cristalizar-se naquele cantinho, enfiar-se num vaso e terra, sentada no côncavo onde nenhum sol vai visitar, ao lado os fantasmas em secos e, sendo dia findo, propiciou-se fantasia de fechados



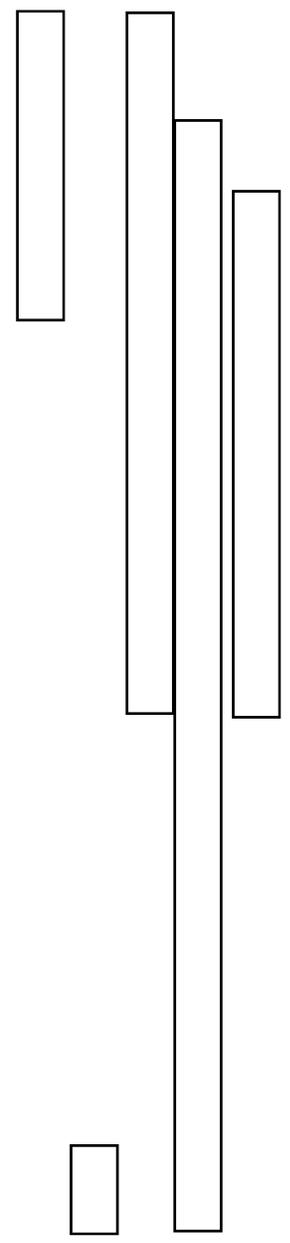
SEQÜÊNCIA 12
25"/ PRETO E BRANCO



SEQÜÊNCIA 11
30"/ COR



SEQÜÊNCIA 10
20"/ COR



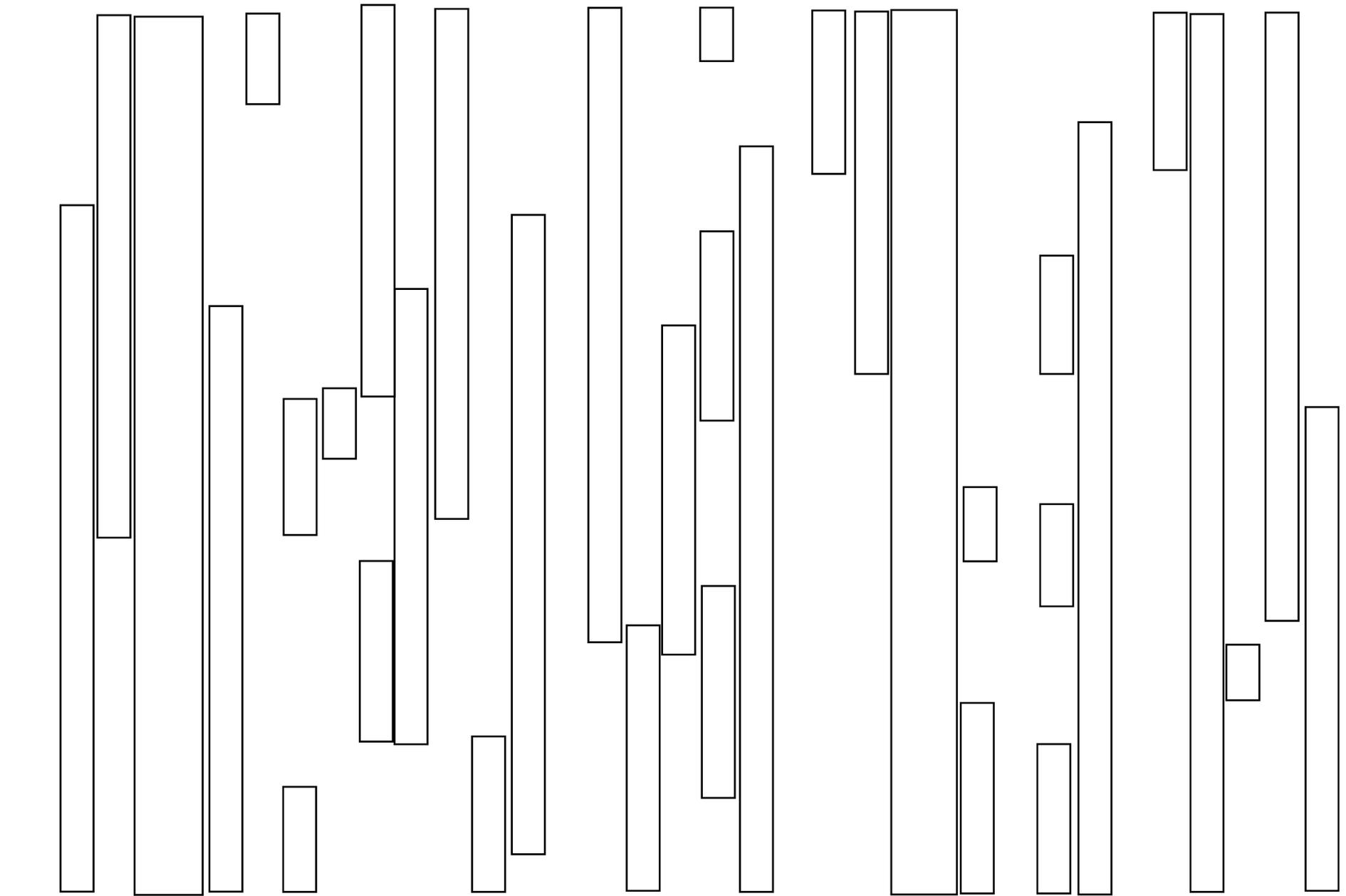
SEQÜÊNCIA 9
15"/ COR

escuras não alegres, sensação de internos, ela sentada abraçando joelhos e sapato de borracha deslizando em resistência ao chão, produz um agudo de dois tempos e direciona o pensar em única janela de reminiscência para fato não havido, nunca nunca estive numa gruta, como sentir-me em, miem... miem... inesperada e mantramente rumo à cavidade nasopeitoral, tilintante, ecoa de si, mãos tapando orelhas.

A quem de humano se dedicou, de tão insincera doação fez-lhe secar folhas e pétalas e perfume, ele, seus óculos finos, seu cabelo endurecido, seu gestual circular e veia no pescoço escolheram o mais precioso recanto ao ar, a mais preciosa hora do dia, um insuspeitado ar cavalheiresco de perfeição romântica, para estragar a ela para sempre um recanto, uma hora do dia, todo o cavalheirismo e a idéia de flor perfeição. E nem foi por palavra dita, mas por ele pensada, refletida no silêncio e na distância tátil, num abrir de lábios e nada, não, nada não: não olho e não penso, mas o olho vai e vê e sofre, não podemos conviver, você já não é... foi dito sim, por um não olhar nos olhos, um desconforto de mão. ***Já entrei contigo em comunicação tão forte que deixei de existir sendo,*** pensou escreveu, é tão injusto ser pessoa de cinco anos de idade, não precisar de palavras ditas e já saber.

A isso, mais sapatos de salto grunhidos em melodia alegrexclamativa, sombra de muitos pés de ansiedade viajam rente à porta fechada, é, não se é sozinha, lá fora na luz há criaturas desejosas de mover-se em reta descendente, ruidosas de coloquialidade reprimida. Assim como paisagem ao longe codifica sua essência a lápis e papel em linha simples conhecida, pois o olho vê a montanha na curva criada pela linha de lápis em papel, passa a ser uma montanha, mesma linha que estendida encorpada multiplicada em reta perspectiva ou horizontalidade constela quase tudo o que deseja ser, isso também está para o ouvido que transmuta em tom-memória o percebido de longe, reverbera em imagem sensível criada ou existente, então, salto e voz e elevador unidos e distantes são cohabitantes de certa gruta. De sua morada abissal, aconchegando-se e reconhecendo-se como participante das aventuras invisíveis do subsolo, o ouvido alarma um continuum anasalado indecifrável no primeiro som, que afugenta os pequenos seres; o segundo compreende como um chamado urbano velho conhecido seu e está de volta ao seu aposento. No terceiro finalmente resgata das suas gavetas que a porta percebida iluminada consciente, certamente alguém à porta, por algum motivo e objetivo, deseja um encontro sem fronteiras.

Pois não? para o alguém em azul royal que não sem surpresa desfaz o abaixar-se no instantâneo da porta abrindo. O olho dela pensa encontrar pessoa no nível de sua cabeça, mas aos seus joelhos é que está o homem empunhando calhamaços de envelopes fechados, alguns desses destinados à sua apreciação, nos quais o excessivo colorido era proporcional à sua não relevância em nenhum dos mundos. Seus olhos puxam para cima todo o corpo do homem azul royal e lhe agradecem.

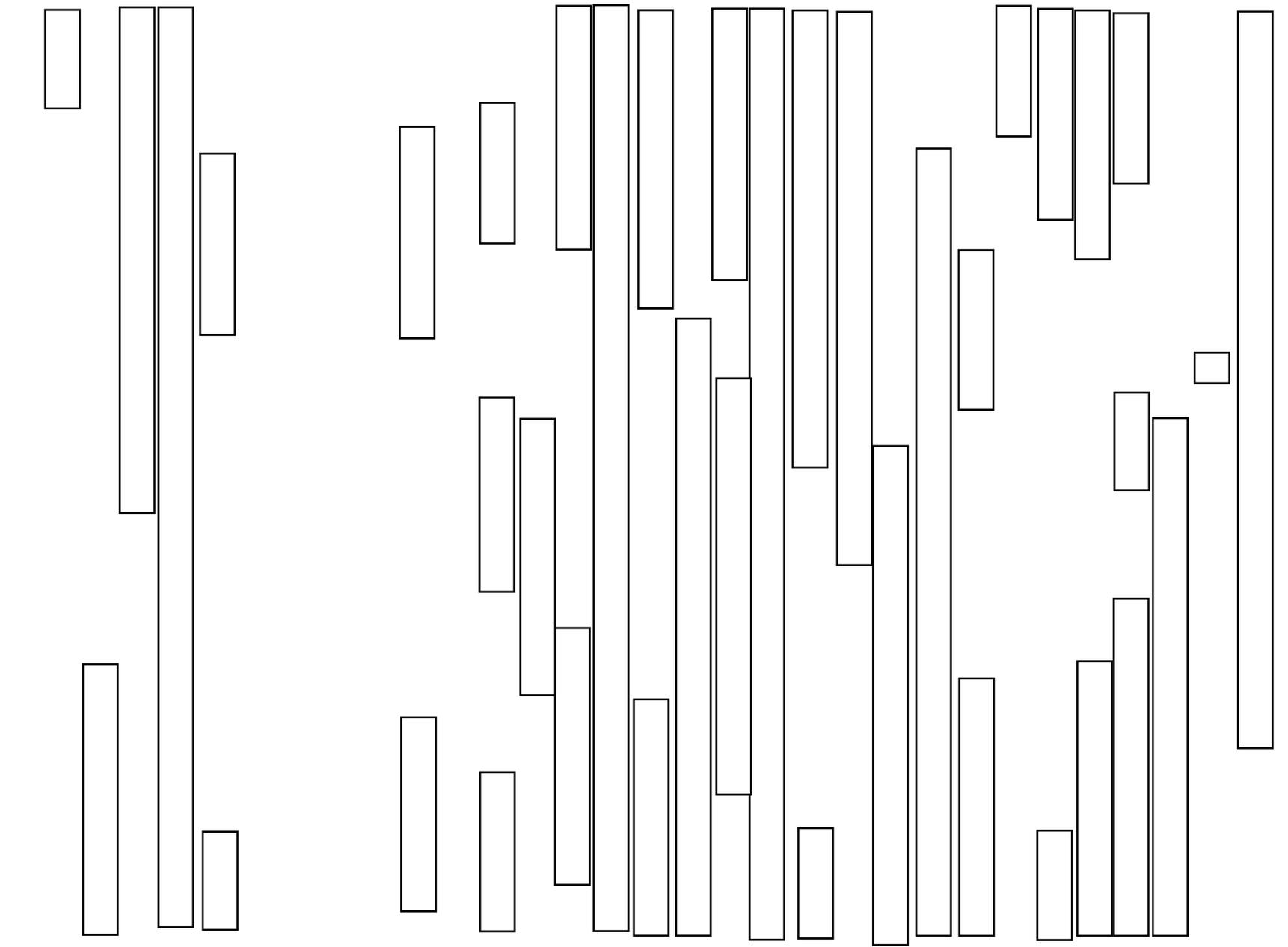


SEQÜÊNCIA 13
55"/ PRETO E BRANCO

A porta aberta e depois refechada imprime resistência com a janela às suas costas, sufocando e dando visibilidade à substância envoltória ar, porquanto esta modifica espacialmente os elementos de indeterminado pouco peso, incluindo certo pote não cheio de tinta sobre certo móvel, cujo negro conteúdo esvai-se primeiro em integridade lentofluída e depois em explosivo desintegrar-se de encontro à resistência última, piso. De jorro testemunha-se espessa nascente iluminada em canhestro por redondíssimo satélite. Não sabe quando e com que músculos e nervos e articulações viu-se na escrivaninha *diga-me por favor que horas são para eu saber que estou vivendo nesta hora... vou lhe contar um segredo: a vida é mortal.* A noite inteira até o primeiro despertar de retinas a brisa marinha esteve a soprar em desenhos a poça de profundo escuro, obrigando-a a desunir-se em afluentes.

Da garganta aérea do mundo o vééééeeuuUUUUUUaaããAuuuuuunnnniiiiuuu em dó-mi-lá-fá-si-mi sobrepõe-se aos estertores de ruídos citadinos e apresenta-se nesta manhã deste século, aproximando-se calmamente vinda da esquerda num bloco perfeito de compreensão, uma crina branca correndo em fundo acinzentado cambiante. Que percorre um espaço horizontal e desaparece na extrema direita da página. Os cascos, a luz depois o som, os cascos só agora e perto e como pode-se cavalgar entre paredes? Onde? As órbitas desacostumadas querem, mesmo por trás das pálpebras, coração e cavalgar mimetizados, se os olhos se abrem os tambores cessam? Não, mas seu estampido desdobra-se em múltiplos, a intervalos de tensão irregular programada onde o vácuo que é interstício carrega os ecos do antes mas não prepara o depois nunca óbvio. O chamamento sob graves aos poucos ganha conotações menos densas e encorpa-se de falsos agudos e lhe fala, quer lhe dizer intenções num crescendo, enreda-lhe numa conversa exclamativa de enfrentamento em ritmo apressado, está presa em atenção e sem calma tenta compreender essa língua gritada, como quando foi obrigada a usar seus vermelhos numa figura. Às vezes sua interlocução traveste-se de movimentos mansos a desarmar-lhe, mas o próximo golpe é ainda mais frio, é o da confiança traída. Mas é isso, talvez, pensa, de mim não está sendo exigida compreensão e sim reação ao estímulo, mudança de espírito sob cruel pedagogia, está feito, alarmada espera o próximo comando ainda que jamais tenha sido iniciada em qualquer certeza.

Então ela se dança, poetisa seu corpo verbálico preenchendo o ar estéril. Ela é ela, duas vezes, a que se sabe e a que se vê sem espelho. Quando quis soprar a palavra talvez interrogativa, foi-se olhada de dentro a dentro e decidiu o silêncio como forma de não esvaziar um estado em manifestação. Tudo sou eu, pensa, cada decisão de vírgula na sentença e cada mudo deslocamento de músculo. Se tudo sou eu, se eu sou ela e eu, ela me dança para que eu possa colhê-la, saber a mim como possibilidade em gesto? Massa-corpo passível de acometimento temporal, organizada em



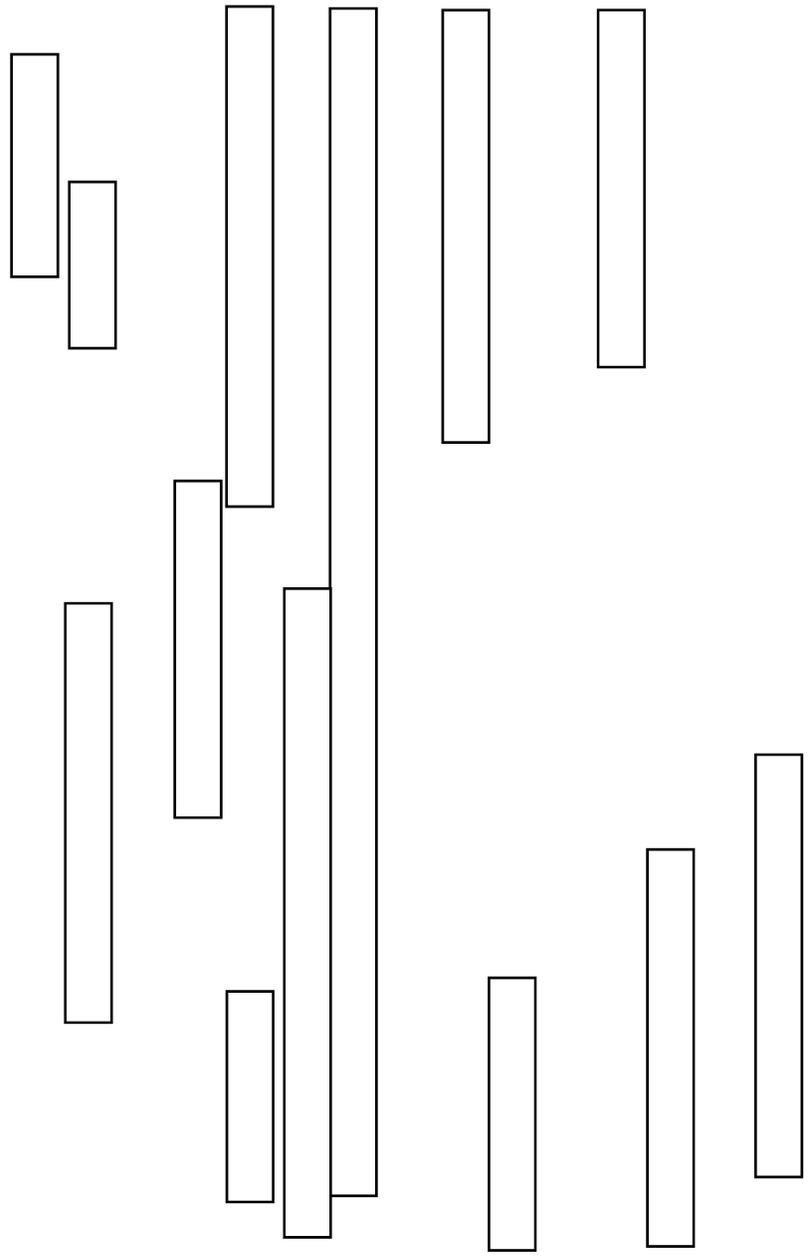
SEQÜÊNCIA 15
50"/ COR

SEQÜÊNCIA 14
35"/ COR

substâncias e fluidos furta-cores, que modifica um espaço não apenas pela concretude da voz mas também pela imaterial presença divisível... existo em tal criatura? Sou capaz do silêncio revelador? E que coisa é essa que me subtrai, expondo meus segredos na linha de um movimento de braço? Isso tudo é tanto meu, se ela soubesse o que de mim está revelando nesse compasso de partitura, menos mensagem que testamento em vida. E se ela estiver manipulando algo, o que seria esse invisível a meus olhos, de que matéria seria, isso que estica ao seu desejo, encolhe, encorpa-se, escorre, penetra, desaparece? Eu que odeio gostar de me contar sou agora sem poderes e humilhada, reconheço meus mais sinceros pertences distribuídos em praça pública à disposição dos cães, eu sou cada curva e impulso, cada desenho sublinhado.

Da extrema destemperança a alma cansada inclina-se à sua revelia na direção de um apenas observar. Ela ela confunde-se com o fundo e não está mais quando seu olho desfunciona, de forma que não se sabe se isso está acontecendo, ela retorna ao seu olho aberto. Não vejo pés, percebe, eu deslizo, estou pela metade, a de cima, e disso intuo a gravidade contrária como desejo autêntico, já anunciado nos recentes desconhecidos traços dos meus desenhos, onde a desequilibrada base parece ansiar pela desqueda, percebo que cair não deva ser necessariamente para o baixo. Um lugar para a não palavra: o fundo d'água, território do não chão. Espelho do mais alto, cujo intocável faz-se ambicionar na linha da superfície à altura própria do que é possível ao olho e somente ao olho. À altura do fundo ambiciona-se apenas a superfície. Não, não vejo pés e suspeito de muitas coisas.

¹ JAMESON, F. As marcas do visível, 1995, p. 152



SEQUÊNCIA 16
90% COR

ANEXOS

COMO LER ÁGUA VIVA

Estou tentando captar a quarta dimensão do
instante-já

Quero apossar-me do *é* da coisa

Quero capturar o presente

Não se compreende música: ouve-se.

Ouve-me então com teu corpo inteiro

Este não é um livro porque não é
assim que se escreve

Minhas desequilibradas palavras
são o luxo de meu silêncio

Inútil querer me classificar: eu
simplesmente escapulo não
deixando,

gênero não me pega mais

Quero escrever-te como quem
aprende

Ouve, ouve o silêncio. O que te
falo nunca é o que te falo e sim
outra coisa

O que te digo deve ser lido
rapidamente como quando se olha

Escrevo-te como exercício de
esboços antes de pintar. Vejo
palavras

Porque agora te falo a sério: não estou
brincando com palavras

Então escrever é o modo de quem tem a
palavra como isca: a palavra pescando o
que não é palavra

Sei o que estou fazendo aqui: conto os instantes
que pingam e são grossos de sangue

Sei o que estou fazendo aqui: estou improvisando

Vou adiante de modo intuitivo e sem procurar uma idéia:

sou orgânica. E não me indago sobre os meus motivos

Não sei sobre o que estou escrevendo: sou obscura para mim mesma

Refaço-me nestas linhas

A densa selva de palavras envolve espessamente o que sinto e vivo, e transforma tudo o que sou em alguma
coisa minha que fica fora de mim

Escrevo-te na hora mesma em si própria

Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso

Este texto que te dou não é para ser visto de perto: ganha sua secreta redondez antes invisível quando é
visto de um avião em alto vôo

Escrevo-te porque não me entendo

Mas bem sei que o que escrevo é apenas um tom

Lê a energia que está no meu silêncio

De vez em quando te darei uma leve história - área melódica e cantabile para quebrar
este meu quarteto de cordas: um trecho figurativo para abrir uma clareira

na minha nutridora selva

Esta palavra a ti é promíscua?

Na hora de pintar ou escrever sou anônima
Vim te escrever. Quer dizer: ser
Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser “bio”
Você que me lê que me ajude a nascer
O ar é o não lugar onde tudo vai existir. O que estou escrevendo é música do ar
O que estou te escrevendo não é para se ler - é para se ser
Eu te escrevo com minha voz
Vou fazer um adaggio. Leia devagar e com paz. É um largo afresco
O que te escrevo é sério. Vai virar duro objeto imperecível
Estou improvisando e a beleza do que improviso é fuga
O que te escrevo é de câmara
E isto que tento escrever é maneira de me debater
Verifico que estou escrevendo como se estivesse entre o sono e a vigília
O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto,
canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente?
Para te escrever eu antes me perfume toda
Por isso te escrevo. Por sopro das grossas algas e no tenro nascente do amor
Que estou fazendo ao te escrever? Estou tentando fotografar o perfume
Escrevo-te este fac-símile de livro, o livro de quem não sabe escrever; mas é que no
domínio mais leve da fala quase não sei falar
Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo.
Eu só trabalho com achados e perdidos
Isto não é história porque não conheço história
assim, mas só sei ir dizendo e fazendo: é
história de instantes que fogem como os
trilhos fugitivos que se vêem da janela do
trem
Escrevo-te porque não chegas a aceitar
o que sou
Não me posso resumir porque não se
pode somar uma cadeira e duas
maçãs. Eu sou uma cadeira e duas
maçãs. E não me somo
Sei que depois de me leres é difícil
reproduzir de ouvido a minha
música, não é possível cantá-la
sem tê-la decorado. E como
decorar uma coisa que não tem
história?
Tudo acaba mas o que te escrevo
continua. O que é bom, muito
bom. O melhor ainda não foi
escrito. O melhor está nas
entrelinhas.
O que te escrevo é um “isto”. Não
vai parar: continua.
O que te escrevo continua e estou
enfeitada.

PARALELOS COM A ARTE DE ATOR

“Mesmo que eu diga ‘vivi’ ou ‘viverei’ é presente porque eu os digo já.

Quem me acompanha que me acompanhe: a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida.

Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios.

Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizem aquém e além de minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade sonhadora e sonâmbula, me cria.

Sei o que estou fazendo aqui: conto os instantes que pingam e são grossos de sangue. Sei o que estou fazendo aqui: estou improvisando.

Quero dentro desta noite que é mais longa que a vida, quero, dentro desta noite, vida crua e sangrenta e cheia de saliva.

A densa selva de palavras envolve espessamente o que sinto e vivo, e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que fica fora de mim.

Desenrolo-me apenas no atual. Falo hoje – não ontem nem amanhã – mas hoje e neste próprio instante perecível.

Sou limitada apenas pela minha identidade. Eu, entidade elástica e separada de outros corpos.

Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.

O que te escrevo não vem de manso, subindo aos poucos até um auge para depois ir morrendo de manso.

Não: o que te escrevo é de fogo como olhos em brasa.

Mas há os que morrem de fome e eu nada posso senão nascer. Que posso fazer por eles?

Nada existe de mais difícil do que entregar-se ao instante. Esta dificuldade é dor humana. É nossa. Eu me entrego em palavras e me entrego quando pinto.

Eu te conheço todo por te viver toda. Em mim é profunda a vida.

Que fazer quando sinto totalmente o que outras pessoas são e sentem?

Algo está sempre por acontecer. O

fascina. Já entrei contigo em

de existir sendo. Você

Minha voz cai no abismo

Preste atenção e é

convidando você

reino novo.

Não se trata de

dinheiro não

Fico apenas

o mundo.

É que nasci

Porque não sei

segredo. Conta-

ensina-me sobre

cada um de nós.

A garantia única

és uma forma de

forma de te ser:

minha possibilidade.

Alimento-me

cotidiano trivial.

Perco a identidade do mundo em

Quando destruir minhas anotações de

tirei um tudo?

Quando penso no que já vivi me parece que fui deixando meus corpos pelos caminhos.

Minha fresca vontade de viver-me e de viver-te é a tessitura mesma da vida?

Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Que cria outros objetos e a máquina cria a nós todos.

imprevisto improvisado e fatal me

comunicação tão forte que deixei

tornou-se um eu.

de teu silêncio.

um favor: estou

para mudar-se para

emprego pois

ganho por isso.

sabendo como é

incumbida.

qual é o meu

me o teu,

o secreto de

é que eu nasci. Tu

ser eu, e eu uma

eis os limites de

delicadamente do

mim e existo sem garantias.

instantes voltarei para o nada de onde

INVENTÁRIO DO SOM

Grito; uivo; respiração; fogos de artifício; canto; água do riacho; canto gregoriano; ventania de gritos; estertor de pássaro aberto; veia que pulsa; click fotográfico; bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio; ratos correndo; baratas se arrastando; tropel de dezenas de cavalos – cascos secos; almas aflitas; roda do automóvel tocando o chão; vibração do alegre - Mozart; ecos de domingo – quentes, secos ; zumbido de abelhas e vespas; gritos de pássaros; longínquo das marteladas compassadas; esquilo fugindo; moscas voando no açucareiro; cavalo livre correndo; grilos; madrugada azulada que vem com seu bojo cheio de passarinhos; música selvática, quase que apenas batuque e ritmo; os passos que ouço são os meus; prece de missa negra; coração pula doido; grito (não quero mais ser eu!); queimada de tronco seco; conto os instantes que pingam e são grossos de sangue; improviso como no jazz improvisam música, jazz em fúria, improviso diante da platéia; ponte levadiça; floresta; fontes, lagoas e cachoeiras, todas de águas abundantes; ouve-me, ouve meu silêncio; o telefone não respondia, tocava e tocava e soava como num apartamento em silêncio; ribombo oco do tempo; a trombeta dos anjos-seres ecoa no seu tempo. Nasce no ar a primeira flor. Forma-se o chão que é terra; ribombo; respiração do mundo; coração a pulsar; sacrificio animais; a fera arreganha os dentes e galopam no longe do ar os cavalos dos carros alegóricos; cavalo solto de uma força livre; Na minha funda noite sopra um louco vento que me traz fiapos de gritos; ventania; a natureza em cântico coral (O que canta a natureza?); a liturgia dos enxames dissonantes dos insetos – insetos, sapos, piolhos, moscas, pulgas e percevejos, tudo nascido de uma germinação malsã e larvas; címbalos e trombetas e tamborins; barulhos e marulhos; pesadelos obcenos sob ventos doentios; vozes furtivas; chorava; cristais tilintam; adaggio; Os africanos para me adormecer, eu recém-nascida, entoam uma lengalenga primária onde cantam monotonamente que a sogra, logo que eles saem, vem e tira um cacho de bananas; Sou africana: um fio de lamento triste e largo e selvático está na minha voz que canta; Minha lengalenga é: que posso fazer por eles? Minha resposta é: pintar um afresco em adaggio; uma voz de contralto me faz cantar – canto fosco e negro; som de carrilhão rouco; acorde grave do adaggio; tique-taque do relógio; Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda mais atrás há o coração batendo. Assim o mais profundo pensamento é um coração batendo; diálogo, monólogo, silêncio; instrumentos que se afinam – caos; música de câmara; grito ancestral; cavalo branco longamente relinchando de glória; vento siroco; latim; música “Pássaro de fogo”; barulho de quem toma sopa quente; chuva; contralto, negro-espiritual, coro; dissonância; coração batendo desordenadamente; canto doido de um passarinho; chusma dissonante de insetos; Deixo o cavalo livre correr feroso de pura alegria nobre; grilos; milhares de passarinhos barulhando; fogos de artifício; silêncio que é como o substrato dos olhos; sinos surdamente submersos na água badalando trêmulos; fontes, lagoas e cachoeiras, todas de águas abundantes e frescas para a minha sede; a vida é impronunciável, vibra como uma corda de violoncelo, corda tensa que quando é tangida emite eletricidade pura, sem melodia; cantilena plangente; máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas; ondas musicais calmíssimas; silêncio de domingo de manhã.

O elefante

Carlos Drummond de Andrade

*Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
Tirado a velhos móveis
Talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
De paina, de doçura.
A cola vai fixar
Suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
É a parte mais feliz
De sua arquitetura.
Mas há também as presas,
Dessa matéria pura
Que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
A espojar-se nos circos
Sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
Onde se deposita
A parte do elefante
Mais fluida e permanente,
Alheia a toda fraude.
Eis meu pobre elefante
Pronto para sair
À procura de amigos
Num mundo enfasiado
Que já não crê nos bichos
E duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
E frágil, que se abana
E move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético*

*onde o amor reagrupa
as formas naturais.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há na cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem.
Esse passo que vai
Sem esmagar as plantas
No campo de batalha,
À procura de sítios,
Segredos, episódios
Não contados em livro,
De que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens
ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.
E já tarde da noite
Volta meu elefante,
Mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
O de que carecia,
O de que carecemos,
Eu e meu elefante,
Em que amo disfarçar-
me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
Qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.*

INVENTÁRIO DE ATMOSFERA E LUZ

amanhecendo, aurora de neblina branca; olhar cara a cara o duro sol; grutas, meu mergulho na terra, escuras mas nimbadas de claridade; gruta com névoas – lembrança ou saudade?, esverdeada pelo limo do tempo; inverno e inferno; dia feito; calor estivo; jardim e sombra, fresca realidade; calor de suor; dia chega ao fim; madrugada azulada; tosca e esquerda luz de um sexo mítico; sonhos da noite; O mundo: um emaranhado de fios telegráficos em eriçamento. E a luminosidade no entanto obscura: esta sou eu diante do mundo; a noite de hoje me olha; calor de verão; escuro; escuridão feérica; O luar é canhestro. Fica do lado esquerdo de quem entra; Mas sou caleidoscópica: fascinam-me minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro; obscuridade criadora. Lúcida escuridão, luminosa estupidez; escuro, mais escuro, escuro total; vislumbre de forma luminescente; escuridão de medo, escuridão e êxtase; treva; Então a lua cheia entra toda e vem fosforecer de silêncios o quarto: é horrível; Agora as trevas vão se dissipando; por dentro é a obscuridade; lento fogo em perpétua mutação; noite vasta; luz alvar e suspensa; força das trevas; eclipse do sol; madrugada; amanhecer; os cristais tilintam e faíscam; lua cheia; 6:15 da manhã; vegetal perfumado; dama-da-noite; estou sem guia e é de novo escuro; dama-da-noite almiscarada; É de manhã; vento siroco; dia de sol, vento bom; dias de chuva; domingo de manhã, domingo de sol; domingo sangrento; luz de lamparina acesa que sou; São quase cinco horas da madrugada. E a luz da aurora em desmaio, frio aço azulado e com travo e cica do dia nascente das trevas; vento quente; Hoje usei o ocre vermelho, ocre amarelo, o preto e um pouco de branco; espelho; Porque às cinco da madrugada de hoje, 25 de julho, caí em estado de graça; A luminosidade sorria no ar; luz diurna de aço em que vivo; Hoje é sábado; Vou parar porque é sábado; continua sábado; eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei.

INVENTOS DE PURA VIBRAÇÃO

“com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação enérgica dos elétrons, prótons, nêutrons, no fascínio que é a palavra e sua sombra”

“dinossauros, ictiossauros e plessiossauros”

“safiras, ametistas e esmeraldas no obscuro erotismo da vida plena: porque na minha escuridão enfim treme o grande topázio, palavra que tem luz própria”

“peregrinos, mercadores e pastores guiavam suas caravanas rumo ao Tibet e os caminhos eram difíceis e primitivos”

“diz braços enovelados em pernas e as chamas subindo e eu passiva como uma carne que é devorada pelo adunco agudo de uma águia que interrompe seu vôo cego”

“esplendidez, esplendidez é a fruta na sua suculência, fruta sem tristeza”

“tronco luxurioso”

“selvagens, bárbaros, nobres decadentes e

marginais”

“é. É”

“Deus – Simptar; Eu – Amptala”

“como o amor impede a morte, eu não sei o na minha incompreensão que tem me dado não entendo a morte. O horrível dever é o ninguém. Viver-se a si mesma. E para Porque não posso mais carregar as dores totalmente o que outras pessoas são e força. Não quero contar nem a mim Sinto que sei de umas verdades. Que já palavras. Verdades ou verdade? Não vou fazendo um dia de sol. A praia estava liberdade. E eu estava só. Sem precisar de contigo o que sinto. O mar calmo. Mas à calma não pudesse durar. Algo está improvisado e fatal me fascina. Já entrei deixei de existir sendo. Você tornou-se um não podem ser ditas. É tão silencioso. entre nós dois? Dificílimo contar: olhei Tais momentos são meu segredo. Houve o chamo isto de estado agudo de felicidade. alcanço um plano mais alto de it.”

“Ah se eu sei que era assim eu não loucura é vizinha da mais cruel sensatez”

“O anel que tu me deste era de vidro e se em seu lugar vem o belo ódio dos que se que está aí em frente me é um objeto. favor que horas são para eu saber que encontrando comigo mesma: é mortal agüento até ofim. Vou lhe contar um

que estou querendo dizer com isto. Confio vida liberta do entendimento, perdi amigos, de ir até o fim. E sem contar com sofrer menos embotar-me um pouco. do mundo. Que fazer quando sinto sentem? vivo-as mas não tenho mais mesma certas coisas. Seria trair o é-se. pressinto. Mas verdades não tem falar no Deus, Ele é segredo meu. Está cheia de um vento bom e de uma ninguém. É difícil porque preciso repartir espreita e em suspeita. Como se tal sempre por acontecer. O imprevisto contigo em comunicação ao forte que eu. É tão difícil falar e dizer coisas que Como traduzir o silêncio do encontro real para você fixamente por uns instantes. que se chama de comunhão perfeita. Eu Estou terrivelmente lúcida e parece que humanidade. Ou da desumanidade – o

nascia. Ah se eu sei eu não nascia. A

quebrou e o amor acabou. Mas às vezes amaram e se entredevoraram. A cadeira Inútil enquanto eu a olho. Diga-me por estou vivendo nesta hora. Estou me porque só a morte me conclui. mas eu segredo: a vida é mortal.”

À MARGEM DA BEATITUDE

“Quando se vê, o ato de ver não tem forma vezes não. O ato de ver é inefável. E às assim certa espécie de pensar-sentir que nome. Liberdade mesmo – enquanto ato de verdadeiro pensamento se pensa a si mesmo, objetivo no próprio ato de pensar. Não quero gratuitamente. Acontece que o pensamento primário – enquanto ato de pensamento – já tem forma e é mais facilmente transmissível a si mesmo, ou melhor, à própria pessoa que o está pensando; e tem por isso – por ter forma – um alcance limitado. Enquanto o pensamento dito ‘liberdade’ é livre como ato de pensamento. É livre a um ponto que ao próprio pensador esse pensamento parece sem autor.”

“quinta-feira é um dia transparente como asa de inseto na luz. Assim como segunda-feira é um dia compacto”

– o que se vê às vezes tem forma, às vezes o que é visto também é inefável. E é chamarei de ‘liberdade’, só para lhe dar um percepção – não tem forma. E como o essa espécie de pensamento atinge seu dizer com isso que é vagamente ou